

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS

Departamento de Letras Modernas

A Problemática da Selecção de Variantes Dialectais
nas Emissões da Rádio Moçambique:
O Caso do Xirhonga

Dissertação para a Obtenção do Grau de Licenciatura

Carlos Luís dos Santos Hon'wana

1999

654.195 (679)
+7756
06

F. LETRAS U.E.M.

R. E.	27/08
DATA	16/fever.100
AQUISIÇÃO	oferta
COT.	LT-34

A Problemática da Selecção de Variantes Dialectais
nas Emissões da Rádio Moçambique:
O Caso do Xirhonga

"Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane"

Carlos Luís dos Santos Hon'wana

Departamento de Letras Modernas
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Moçambique

Maio de 1999

Supervisor: Prof. Doutor Gregório Domingos Firmino.

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

À minha esposa JUDITH, às minhas filhas MARISA e WANDA e à memória da minha querida mãe: a todas devo tudo o que hoje sou.

A G R A D E C I M E N T O S

Quero deixar expresso o profundo agradecimento ao meu supervisor, o Professor Doutor GREGÓRIO DOMINGOS FIRMINO, a quem muito devo o apoio, a amizade e a orientação na concretização de um propósito sempre almejado- a obtenção de uma formação académica superior.

Ao corpo docente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Letras da UEM, pelos conhecimentos que me ajudou a consolidar nesta etapa do meu crescimento intelectual; ao dr. Manuel Fernando Veterano, Presidente do Conselho de Administração da RM-EP e, por seu intermédio, a todos os colegas da instituição, pelo apoio multifacetado que me facultaram ao longo de todo o percurso da minha formação universitária e, principalmente, na fase da realização do presente trabalho, endereço o meu reconhecido agradecimento.

Aos meus informantes desejo, particularmente, exprimir o meu agradecimento pela valiosa, activa e desinteressada colaboração.

À minha grande amiga, dr^a. Esmeralda Mariano e seu esposo, o Arq. Gianfranco Gandolfe, e o inestimável apoio na concretização de uma parte substancial do trabalho de campo, renovo o meu agradecimento e amizade.

Às senhoras Aventina e Carolina a quem muito devo a organização gráfica final deste trabalho, reitero o meu reconhecido agradecimento.

Ao meu pai; aos meus irmãos e aos restantes familiares, bem como aos colegas do Curso de Linguística e a todos os amigos que me incentivaram a caminhar sempre aqui fica o meu agradecimento.

Muito particularmente e com emoção quero destacar a paciência, a compreensão e o encorajamento que nunca me faltaram na minha esposa e filhas, o que me deu alento e determinação de ir até ao fim.

A todos deixo aqui gravado e no meu coração o meu profundo KHANIMAMBU!

"UNGADLAYI NTHRUTI UWONGA HI DOLOVETI"

(PROVÉRPIO)

(LET. NÃO MATES A SOMBRA LEVADO PELO CÉU
NUBLADO).

R E S U M O

A Rádio Moçambique direccionou sempre o seu trabalho, desde a sua criação em 1975, na perspectiva do vasto auditório que, maioritariamente, se comunica em línguas Bantu.

Criadas as condições para o contínuo alargamento quer das áreas de cobertura técnica efectiva, quer do espectro das línguas Bantu e seus respectivos períodos de transmissão, a passagem à abordagem da selecção de variantes dialectais dessas línguas como o aprofundamento do conteúdo dessas emissões torna-se um processo inadiável. Com efeito, estas emissões apenas cumprirão, adequada e plenamente, a sua função social, promovendo o diálogo e o desenvolvimento integrado, respeitando os direitos linguísticos dos seus falantes nativos, se tiverem em conta o fenómeno da variação dialectal.

Esta tese é a nossa contribuição no debate que sentimos necessário, incidindo no caso do Xirhonga, na EIMG. Ela estrutura-se em cinco capítulos, em que os dois primeiros se debruçam sobre a introdução e a situação linguística de Moçambique e o uso das línguas locais na radiodifusão. No terceiro, faz-se a revisão bibliográfica, para no quarto se proceder à análise e discussão dos dados, terminando no quinto com as conclusões e recomendações.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	1
1. INTRODUÇÃO.	1
1.1 Antecedentes e relevância do estudo.	1
1.2 Objectivos e motivações do estudo.	2
1.3 Hipótese de trabalho.	3
1.4 Procedimentos metodológicos.	3
1.5 Limitações do estudo.	4
CAPÍTULO II	6
2. SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MOÇAMBIQUE E O USO DAS LÍNGUAS BANTU NA RADIODIFUSÃO NO PAÍS	6
2.1 Panorama linguístico de Moçambique.	6
2.1.1 Situação linguística da Cidade e Província de Maputo.	8
2.1.2 O Xirhonga e a sua variação dialectal.	9
2.2 Estatuto linguístico do Xirhonga na Rádio em Moçambique.	11
2.2.1 No período colonial.	11
2.2.2 No período pós-independência.	12
2.3 O caso do EIMG.	13
CAPÍTULO III	20
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.	20
3.1 Planificação linguística.	21
3.2 Língua, dialecto e outros conceitos operatórios.	29
3.3 Experiências de planificação linguística em estações de Rádio.	32
CAPÍTULO IV	36
4. ELICITAÇÃO DA INFORMAÇÃO.	36
4.1 Metodologia da recolha de dados.	36

4.2	Técnicas adoptadas.	37
4.3	Organização dos dados recolhidos.	38
4.4	Inquérito sociolinguístico e entrevistas.	39
4.4.1	Locais da sua ministração.	39
4.4.2	Seleção dos informantes.	40
4.4.3	Procedimentos na ministração do inquérito sociolinguístico.	40
4.4.4	Procedimentos na ministração das entrevistas.	41
4.4.5	Análise dos resultados do inquérito sociolinguístico.	42
4.4.5.1	Perfil individual.	42
4.4.5.2	Perfil sociolinguístico.	42
4.4.5.3	Perfil do desempenho técnico-profissional.	45
4.4.5.4	Conhecimentos linguísticos.	57
4.4.6	Análise dos resultados das entrevistas e mesas-redondas.	50
4.4.6.1	Perfil individual.	50
4.4.6.2	Perfil sociolinguístico.	51
4.4.6.3	Atitudes e percepções linguísticas.	53
4.5	Análise dos resultados.	58

CAPÍTULO V.	64
-------------------------	-----------

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.	64
--	-----------

5.1	Conclusões.	64
-----	------------------	----

5.2	Recomendações.	67
-----	---------------------	----

Bibliografia.	70
--------------------	----

Anexos.	76
--------------	----

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

1.1-Antecedentes e Relevância do Estudo

A Rádio Moçambique- Empresa Pública (RM-EP) transmite emissões em Línguas Bantu (LB) em quase todo o território nacional. Estas emissões pretendem levar a informação, a cultura e o entretenimento a um vasto auditório da sociedade moçambicana que se comunica, preferencialmente, nas suas línguas maternas (LM), através da busca de uma adequação das mesmas aos usos linguísticos dos ouvintes.

A Rádio Moçambique emite em LB; todavia, não tem havido uma selecção criteriosa das línguas e/ou variantes dialectais para as suas emissões. Assim, o tratamento particular do caso do Xirhonga, transmitido na Emissão Interprovincial de Maputru e Gaza (EIMG), a partir da capital do País, é ditado, por um lado, pelo facto de esta língua integrar a programação de uma estação emissora que, cobrindo duas províncias, emite em paridade em duas LB; e, por outro lado, pelo facto de o Xirhonga apresentar variantes dialectais tão próximas que se impõe identificar qual a mais representativa, para efeitos de radiodifusão. Esta questão da busca de uma adequação das emissões em LB, compreende, por um lado, uma dimensão linguística, objectiva, evidenciada pela diversidade dessas línguas e respectivas variantes dialectais e, por outro lado, o aspecto afectivo, subjectivo, manifestado pelas atitudes e percepções dos falantes em relação ao uso no seu quotidiano das referidas variantes dialectais.

No caso da zona de Maputru (Cidade e Província), objecto da presente investigação, o Xirhonga e as suas variantes dialectais sugerem uma abordagem mais profunda para a efectivação de uma planificação adequada do respectivo uso linguístico na EIMG.

1.2- Objectivos e Motivações do Estudo

O presente estudo tem como objectivo analisar a questão da selecção da variante dialectal para as emissões em LB na RM-EP, tendo como base o caso do Xirhonga. Ele enquadra-se na busca de uma planificação dos usos linguísticos mais adequados às necessidades reais e actuais desta estação radiofónica.

Com efeito, em muitos países africanos é problemática a selecção linguística para uso em várias áreas como educação, administração pública e, particularmente, na comunicação social. Em Moçambique, não obstante os pronunciamentos oficiais favoráveis à valorização das LB, a vários níveis, as mesmas ainda não são parte efectiva dos processos de democratização e desenvolvimento do País. A alteração desta situação, no quadro específico da RM-EP, sugere uma abordagem que tome em consideração a adequação dos usos e das especificidades de cada LB e respectivas variantes dialectais, porque a selecção linguística não tem sido a mais adequada, nem na base de critérios científicos, dado que este passo não foi precedido de uma investigação profunda que revele a situação dos falantes no terreno.

Em relação ao caso específico do Xirhonga, por exemplo, numa dada fase da vida da RM, esta LB foi suprimida das emissões, pelo facto de apresentar uma inteligibilidade mútua com o Xichangana, sem que se tenha feito algum estudo científico, para uma tal decisão. Todavia, uma vez que o Xirhonga apresenta diversas variantes dialectais, propomo-nos a analisar e identificar aquela que corresponde, adequada e apropriadamente, aos usos linguísticos dos Varhonga, na sua globalidade, com vista à sua adopção nas emissões da EIMG. No entanto, porque o uso das LB nas emissões da RM-EP se estende a quase todo o país e tornando-se imperioso construir uma visão geral sobre a variação dialectal nessas emissões, é nosso desejo analisar e sugerir pistas para uma abordagem global da questão, a partir do caso do Xirhonga na EIMG.

1.3- Hipótese de Trabalho

O estudo relaciona-se com o processo da adequação dos usos linguísticos radiofónicos aos ouvintes. Ele tem como base a seguinte hipótese de trabalho:

As emissões da EIMG, dirigidas à região de Maputo (Cidade e Província), não são adequadas ao público ouvinte visado, sendo uma das causas o facto de não usarem uma forma dialectal da língua mais aceitável para a maioria dos seus destinatários.

Quanto a este pressuposto, estamos em presença, por um lado, de factores objectivos, representados pela obstrução no entendimento da mensagem veiculada e, por outro lado, de factores sentimentais, manifestados pela posição de rejeição do trabalho apresentado, assumida pelos falantes nativos, por não verem nele respondidas as suas expectativas.

1.4- Procedimentos Metodológicos

Na realização desta investigação, adoptamos métodos qualitativos que incluíram um inquérito sociolinguístico aos profissionais ligados à radiodifusão na EIMG, entrevistas estruturadas a ouvintes, bem como estudo da documentação disponível relacionada com a RM nas várias etapas da sua existência. Igualmente analisamos alguns trabalhos produzidos em Xirhonga e em Xichangana, quer escritos quer gravados, com o objectivo de identificar as variedades dialectais neles usadas.

No decorrer do trabalho com os informantes, procedemos à observação e ao registo das suas atitudes e percepções, em busca de uma relação causal entre os vários factores que as condicionam e determinam.

1.5- Limitações do Estudo

No processo da pesquisa, deparamo-nos com algumas situações que se revelaram como condicionantes do trabalho, nomeadamente:

- A dificuldade de localizar alguns documentos importantes na RM, referentes ao período de 1975 a 1980. De referir que nesse momento operaram-se significativas alterações nas estruturas da área da radiodifusão, nas frentes da informação e de programas, principalmente, em busca de um modelo ajustado às necessidades julgadas imprescindíveis ao processo em curso e às capacidades humanas, materiais e financeiras existentes, na altura. Esta situação não permite identificar nem avaliar com precisão a natureza e a dimensão das transformações que se registaram.
- A pressão a que estão submetidos os profissionais da EIMG, abrangidos pelo inquérito. Assim, a recolha dos seus depoimentos foi feita nos escassos intervalos disponíveis, o que a prolongou por várias semanas, reduzindo, substancialmente, o número de inquiridos envolvidos.
- A grande movimentação das pessoas, ditada pelas prementes preocupações do seu dia a dia, nas zonas peri-urbanas, bem como a forte inibição das mulheres, nas zonas rurais, em se pronunciarem sobre

matérias em análise, a despeito do convite formulado nesse sentido, reduziu também, grandemente, o universo e qualidade da amostra.

- A disponibilização tardia e demasiado espaçada de fundos alocados para a fase do trabalho de campo, devido a problemas de tesouraria, afectou o cumprimento do calendário das deslocações, inviabilizando algumas das suas etapas.
- A inexistência de uma uniformização na designação das LB faladas em Moçambique e, conseqüentemente, das variantes dialectais do Xirhonga, em particular, não permitiu partir de uma base consistente.
- A falta de uma caracterização-padrão da situação linguística actualizada, referente à zona de predominância do Xirhonga, dificulta a descrição do que se passa, de facto, no terreno sobre este aspecto, visto que o II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1998 ainda não apresenta dados pertinentes para esta análise.

CAPÍTULO II

2. SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MOÇAMBIQUE E O USO DAS LÍNGUAS BANTU NA RADIODIFUSÃO NO PAÍS

No presente capítulo propomo-nos a apresentar dados referentes à situação das LB no território nacional e o seu uso sistematizado pela RM, nas suas emissões, com o objectivo de analisar o seu impacto no contexto do desenvolvimento integrado dos seus falantes nativos na sociedade. Como ponto de partida, abordaremos a situação geral das LB faladas no País, a sua distribuição territorial, o número de seus falantes nativos e a realidade linguística, em particular, do Xirhonga e a sua variação dialectal nas áreas cobertas pela EIMG.

2.1-Panorama Linguístico de Moçambique

Este país apresenta uma diversidade linguística, em que se regista a coexistência do Português, aclamado como a língua oficial (LO) de Moçambique¹, com várias línguas de origem Bantu, para além de outras consideradas estrangeiras, presentes em ambientes específicos de comunicação ou ainda usadas por determinados grupos de cidadãos com afinidades de ordem étnico-religioso, como o refere FIRMINO (1997)².

No que se refere às LB, há várias propostas para uma categorização. Por exemplo, GUTHRIE (1967/71)³, na sua tipologia, apresenta uma proposta de classificação que inclui as línguas nativamente faladas em Moçambique, que indica quatro zonas linguísticas, nomeadamente:

- Zona G: designada por Grupo Swahili (G.40) que inclui o Swahili.

- Zona P: designada por Grupo Yao (P.20) que inclui: o Yao, o Mavia, o Lomwe, o Gulu e o Cuabo.
- Zona N: designado por Grupo Nyanja (N.30) que inclui: o Nyanja, bem como o Grupo Senga-Sena (N.40) que inclui: o Kunda, o Nyungwe, o Sena, o Rue e o Podzo.
- Zona S: que comporta os Grupos Shona (S.10); Tswa (S.50) e Chopi (S.60). Cada um destes grupos integra, respectivamente: o Kore-kore, o Tebe e o Ndau; o Tswa, o Gwamba, o Tsonga e o Ronga e, finalmente, o Lenge e o Shengwe.

Esta tipologia, no entanto, exclui algumas LB que hoje se sabe serem faladas em Moçambique, como são os casos do Kimwani, do Shimakonde, do Nsenga, do Ngoni, do Tonga, do Zezuru, do Cimanyika, do Karanga, do Xichangana, do Marendje, entre outras, no dizer de FIRMINO (1995).

Propostas recentes de caracterização da situação linguística de Moçambique baseiam-se no Recenseamento Geral da População (RGP) de 1980. Todavia, neste esforço de caracterizar a situação linguística do País, FIRMINO (1997)⁴, com base no RGP de 1980, refere que é possível identificar em Moçambique vinte e três línguas locais (LL) que são línguas maternas (LM) da maioria dos Moçambicanos.

As vinte e três línguas mencionadas são: Kiswahili; Kimwani; Ciyao; Shimakonde; Emakhuwa; Elomwe; Nguli; Marendje; Echuwabo; Cinyanja; Kunda; Nsenga; Cinyungwe; Cisena; Cishona; Citshwa; Xichangana; Xirhonga; Cicopi; Gitonga; Zulu; Siswati e Phimbi.

O quadro que se segue indica das vinte e três LB mencionadas, aquelas cuja percentagem de falantes nativos está acima de 1%:

Línguas	Nº de falantes Nativos	% de Falantes Nativos
EMAKHUWA	3 231 559	27,70
XICHANGANA	1 444 187	12,40
CISENA	1 087 262	9,30
ELOMWE	907 521	7,80
CISHONA	259 930	6,50
CITSHWA	696 212	5,90
ECHUWABO	664 319	5,70
XIRHONGA	423 797	3,60
MARENDJE	402 952	3,40
CINYANJA	385 875	3,30
CICOPI	332 942	2,80
CINYUNGWE	262 455	2,20
SHIMAKONDE	224 662	1,90
GITONGA	224 971	1,90
CIYAO	194 107	1,60

2.1.1- Situação Linguística da Cidade e Província de Maputo

Os dados do RGP de 1980 revelam que na cidade de Maputo predominam, basicamente, duas línguas nativas Bantu, nomeadamente o Xirhonga e o Xichangana⁵.

Em relação à cidade de Maputo, segundo ainda o RGP de 1980, para além da predominância do Xirhonga e do Xichangana, verifica-se também a presença significativa de falantes de Cicopi, do Gitonga e do Citshwa, como o ilustra o Gráfico 1, em anexo.



Quanto à Província de Maputo, a predominância do Xirhonga e do Xichangana distribui-se por zonas. Assim, na zona que abrange os Distritos de Murhakweni, Bowana e Mathuthwine assinala-se a predominância do Xirhonga, enquanto que o Xichangana é predominante, segundo o RGP de 1980, nos Distritos de Magudu, Nwamba, Manyisa e Namahaxa, como o revela o Gráfico2, em anexo.

2.1.2- O Xirhonga e a Sua Variação Dialectal

O Xirhonga, como entidade linguística '*grosso modo*', estende-se desde as regiões fronteiriças da Ponta do Ouro, no litoral sul e de Khatwane, no interior, na Província de Maputo, abrangendo as terras dos Tembê, dos Nkumbula, dos Gumende, dos Mavilana, englobando os ilhéus Nyaka e passando pelas terras dos Mpfumu, dos Mavota e dos Matrôlo, em volta da Baía de Maputo, nos distritos de Mathuthwini, Cidade de Maputo e Matola.

Na direcção norte da Província de Maputo, o Xirhonga estende-se pelas terras dos Mahlangwana, dos Ngomana (Mabzaya), dos Honwana, dos Xirhindra, dos Nhandra, dos Makandra, dos Mahila, dos Masinga (Manyisa), até à zona dos Ntimana, na planície de Thaninga, nos distritos de Murhakweni e Manyisa.

Na direcção Oeste, esta língua é falada nas terras dos Mbowana, dos Pheseni e dos N'wamba que confinam com a região montanhosa dos Livombo, berço dos antepassados dos Varhonga⁶, nos distritos de Bowana, N'wamba e Namahaxa.

Há várias perspectivas sobre a caracterização dialectal do Xirhonga. Em NELIMO (1989:112)⁷ apresenta-se o Xirhonga como sendo constituído pelas variantes dialectais Xinondrwana, Xiputru e Xikalanga (ou Xilwandle). Por outro lado, embora assumindo

esta posição, SIMANGO (1994:14-15)⁸, aponta a variante dialectal Xizingili e refere que a variante Xiputru toma a designação de Xinyaka, na Ilha da Inhaca bem como a variante Xikalanga que se ramifica em sub-dialectos, designados de “Xilwandle”, “Xintimbana”, “Xintimana” e “Xihlangabza”, todos localizados no Distrito da Manyisa.

A perspectiva dos falantes, por seu turno, aponta a variante dialectal Xihlanganu que, segundo os mesmos, é falada na região dos Livombo (Namahaxa e N'wamba). Quanto às designações Xikalanga e Xiputru, os falantes preferem os termos Xintimana ou Xilwandle e Xizingili, respectivamente⁹.

Harmonizando as diversas perspectivas, assumiremos que o Xirhonga toma as seguintes variantes dialectais:

- Xinondrwana que é falada na zona abrangida pela Cidade de Maputo, Matrolo, Murhakweni, Bowana e partes da Manyisa;
- Xizingili que é falada na região que vai da Ponta de Ouro até à Katembe, incluindo a Ilha da Inhaca;
- Xintimana que é falada na região da Manyisa, incluindo a Ilha Jozina Maxele e Thaninga; e
- Xihlanganu que é falada em partes dos Distritos da Namahaxa e da N'wamba.

Concluimos, contudo, que ainda se torna útil a realização de um levantamento dialectológico mais circunstanciado para a identificação das variantes dialectais do Xirhonga e sua localização geográfica.

2.2- O Estatuto Linguístico do Xirhonga na Rádio em Moçambique

2.2.1-No Período Colonial

O uso das LB na radiodifusão em Moçambique tem início em 1957, com o surgimento das primeiras emissões numa língua Bantu, transmitidas no canal "A" do Rádio Clube de Moçambique (RCM)¹⁰. Trata-se de programas publicitários, por sinal em Xirhonga, na voz de Leonardo Samussone Bucucha¹¹. Esses programas eram emitidos aos domingos, no período da manhã¹².

Em Março de 1958, mercê do êxito alcançado pelos programas publicitários em Xirhonga, o RCM lança, em fase experimental, a "Hora Nativa"¹³, num canal próprio, em Onda Média (OM).

A "Hora Nativa" tinha como função principal a difusão de noções de higiene, saúde, agricultura e outros aspectos relacionados com o regime colonial, utilizando palestras, radio-dramas e diálogos¹⁴. Este canal, essencialmente, tinha como objectivo não só de facultar ao "indígena" o conhecimento da sua própria língua, como o afirmava a Direcção do RCM¹⁵, mas, sobretudo, incutir no "autóctone" sentimentos de lealdade ao poder vigente. Esta preocupação leva, ainda em 1958, à criação da "Rádio Informação", sob a égide da Direcção dos Serviços dos Negócios Indígenas que, para além do Xirhonga, passa a transmitir em outras LB, tais como o Xichangana, o Echuwabo e o Emakhuwa¹⁶.

Com a extinção dos Serviços dos Negócios Indígenas, em Dezembro de 1961, entra em cena a “A Voz de Moçambique”, integrada na 3ª Divisão dos Serviços de Acção Educativa e Cultural¹⁷.

O início da luta armada de libertação nacional, em Setembro de 1964 e, principalmente, o seu incremento em Dezembro de 1967, levam a “A Voz de Moçambique”, já sob a orientação dos Serviços da Acção Psico-Social¹⁸ e continuando a transmitir em Xirhonga no Sul do território, a incorporar outras LB como o Ciyao, o Cinyanja, o Kiswahili, o Shimakonde, a par do Xichangana¹⁹.

Entretanto, a programação diária em Xirhonga, na “A Voz de Moçambique” manteve-se inalterável até à data da criação da Rádio Moçambique (RM).

2.2.2-No Período Pós-Independência

Em Outubro de 1975, com a nacionalização do RCM, das emissoras do Aeroclube da Beira e da Rádio Pax²⁰ e da extinção dos Serviços de Radiodifusão, Cinema Educativo e Informativo e da “A Voz de Moçambique”²¹, nasce a RM. A RM, como organismo de radiodifusão nacional, passa a contar em Maputo, com as seguintes estruturas viradas para a informação e programas:

- A Emissão “A”, transmitindo em língua Portuguesa para todo o País;
- A Emissão “B”, emitindo em Xirhonga e Xichangana para a região ao sul do Save e
- A Emissão “C”, em frequência modulada (FM), dirigida à zona do cimento da Cidade de Maputo, transmitindo música clássica²²

Ao nível das Províncias foram constituídos os Emissores Provinciais (EP).

2.3- O Caso da EIMG

Como consequência da transformação da programação e estrutura da Emissão "B", iniciam-se os trabalhos da Emissão Interprovincial de Maputo e Gaza (EIMG), em 09.06.1979²³. Esta unidade radiofónica passa a transmitir não só em Português, mas também em Xitsonga (Xichangana), fazendo com que os profissionais falantes nativos do Xirhonga abandonassem a sua LM no seu trabalho. Assim, dão-se os primeiros passos em direcção à uniformização da ortografia e da realização discursiva por parte de todos os profissionais ligados às emissões da EIMG, independentemente de a sua LM ser Xirhonga ou Xichangana²⁴.

Esta situação, todavia, começou a ganhar outros contornos, a partir do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, em Dezembro de 1988 e, com maior firmeza, com a realização do I e II Seminários de Radiodifusão em Línguas Moçambicanas, em Dezembro de 1988 e Dezembro de 1991, respectivamente, pois, acentuou-se, no seio da RM, a percepção de identidade própria dos profissionais falantes de cada uma das várias LB transmitidas pela estação e, particularmente, do Xirhonga e do Xichangana, na EIMG. Com efeito, esta consciência levou a que, não obstante a inteligibilidade mútua que apresentam estas duas unidades linguísticas, a que se associa também o Citswá, sejam encaradas, de facto, como entidades distintas.

Confirmando este facto, baseado nos debates no seio dos profissionais da RM e no NELIMO (1992), o Grupo de Consultoria Técnica no âmbito das Línguas Moçambicanas refere no seu relatório final, em Julho de 1995, que "... apesar do alto índice de inteligibilidade mútua entre o Xichangana e o Xirhonga, não parece que os falantes das duas línguas possam ser alvos dos programas elaborados numa única língua ou usar a mesma literatura devido aos fortes sentimentos de identidade sócio-cultural

existentes nestes dois grupos e a tradição relativamente longa de uma literatura distinta" (P.17)²⁵.

Perante esta realidade, ao realizar o III Seminário de Radiodifusão em Línguas Moçambicanas, em 1996, o Conselho de Administração da RM-EP decide a reposição do Xirhonga na EIMG, como unidade linguística, facto que se concretiza em Fevereiro de 1997, depois de criadas as condições mínimas de operacionalidade²⁶. A partir daquela data, e de forma cíclica, os períodos de emissão nas duas línguas alternam-se, trimestralmente, em relação à abertura dos trabalhos da EIMG²⁷. Hoje, esta estação é uma unidade radiofónica que funciona dezanove horas diárias, emitindo também em Português, a par do Xirhonga e do Xichangana.

A EIMG conta com uma potência instalada que lhe permite cobrir uma extensão territorial de cento e vinte quilómetros de raio, a partir da Cidade de Maputo, correspondendo a uma superfície de 4521 quilómetros quadrados, isto é, as suas emissões conseguem atingir as populações localizadas em toda a Província de Maputo e partes do interior e litoral das Províncias de Gaza e de Inhambane²⁸. Desta forma, os falantes nativos do Xirhonga, em particular, têm uma larga possibilidade de escutar a sua língua na EIMG, ainda que durante algumas escassas horas por dia. No entanto, os falantes nativos do Xirhonga pretendem identificar a relação desta língua com a situação dialectal presente na actividade radiofónica da EIMG, bem como os usos linguísticos dos profissionais da estação com a confiança dos ouvintes.

Estas são algumas das questões que constituem o cerne do presente estudo e que os capítulos seguintes procuram dar resposta.

NOTAS

1. A *Constituição da República de Moçambique* de 1990, no nº1 do Artigo 5, proclama a língua Portuguesa como a LO do País.
2. FIRMINO (1997), em *O Caso do Português e das Línguas Locais em (Moçambique*, refere-se às línguas asiáticas que são faladas na Cidade de Maputo, nomeadamente o Hindi e o Gujrati. P.4.
3. GUTHRIE (1967/71), na *Comparative Bantu: An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages* apresenta uma descrição exaustiva das línguas Bantu, em geral, apontando algumas que são faladas também em Moçambique. Vol.2.
4. Idem nota (2). O Autor apresenta uma tabela das 15 LL que possuem mais de 1% de falantes nativos, de entre as 23 LL identificadas pelo RGP de 1980, as quais são LM de cerca de 98.8% da população do País.P.4
5. FIRMINO (1996), em *O Uso das Línguas Moçambicanas na Rádio Moçambique (Algumas Considerações sobre a Questão da Selecção das Línguas para as Emissões Radiofónicas)* aborda o aspecto da predominância do Xirhonga e do Xichangana quer na Cidade quer na Província de Maputo. P. 24.
6. Informação recolhida em Ricatla, em 18.05.1998.

7. NELIMO (1989), no *Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas* apresenta três variantes dialectais do Xirhonga, indicando o Xinondrwana como a de referência. P. 112.
8. SIMANGO (1994), baseado no levantamento dialectológico feito no âmbito do Projecto 001 do NELIMO, analisa na sua Tese de licenciatura *A Problemática do Meio de Ensino no EPI do SNE (Que Língua de Ensino: o Português ou uma Língua Bantu?)* a variação dialectal do Xihonga, a localização das principais variantes, bem como o número estimado dos falantes desta LB, na cidade e Província de Maputo. Pp. 14-15.
9. Alguns dos informantes entrevistados em Maio, Junho e Julho de 1998, quer em Djabisa, Ricatla, Matalana, quer na Vila de Marhakweni quer ainda nos bairros de Hlamankulu e de Mavalane, na Cidade de Maputo, citam o Xihlanganu como uma das variantes dialectais do Xirhonga e consideram a designação de Xikalanga como pejorativa, preferindo os termos Xintimbana ou Xilwandle na referência àquela variante.
10. As primeiras emissões em Moçambique, numa língua Bantu, foram ouvidas em 1957, em programas publicitários transmitidos em Xirhonga, no RCM, em Lourenço Marques. Esses programas eram patrocinados pela Casa Zuid, representante dos artigos da marca "PHILLIPS"; pela Casa Pfaff, vendedora de rádio-receptores e pela firma promotora da comercialização dos produtos de beleza da marca "PONDS". (RM. Janeiro. 1957, nº 246, Programa-Tipo do RCM. p.14).
11. O Sr. Leonardo Samussone Bucucha foi o primeiro locutor negro em Moçambique. Era trabalhador da Casa Zuid, em Lourenço Marques, tendo falecido em Agosto de 1994.

- (Dados recolhidos junto de antigos locutores da "A Voz de Moçambique", em Junho de 1998).
12. O espaço publicitário era transmitido em Xirhonga no RCM, aos domingos, das 10.15 às 11.00 horas, sendo constituído por três programas de quinze minutos cada. (RM. Janeiro, 1957, nº246, Programa –Tipo do RCM. p.14).
 13. Trata-se de um espaço preenchido por um programa em Xirhonga por um grupo de trabalhadores do RCM, transmitido aos domingos. (RM. Maio, 1958, nº262 pp.6-8).
 14. (RM. Março, 1958, nº260, pp.2-3).
 15. A Direcção do RCM refere que "... passa o nativo a ter mais um elemento de civilização ao seu dispor, através do qual terá o ensejo de ponderar conselhos e seguir certa orientação com os assuntos tratados." (Idem da Nota (14)).
 16. (RM. Maio, 1963, nº322, pp.5-6).
 17. (RM. Abril, 1963, nº321, pp.2-3)
 18. O controle da "A Voz de Moçambique" pelos Serviços de Acção Educativa e Cultural passa para os Serviços da Acção Psico-Social em Dezembro de 1967. (RM. Setembro. 1968, nº 379,p.1).

19. (RM. Abril, 1972, nº422, p.28).
20. Decreto-Lei nº16/75, de 02 de Outubro, nº1 do art.3 in *Rádio Moçambique: Principal Legislação*. P.4.
21. A extinção da “A Voz de Moçambique” decorre do processo da criação da Rádio Moçambique. Ver o nº1 do art.2 do Decreto-Lei nº16/75. (Idem da Nota (20). P.3.
22. As emissões “A”, ”B” e “C” constituíam a estrutura da radiodifusão na Sede da RM, como organismo nacional de produção e emissão radiofónica, a que se juntavam os Emissores Provinciais. (Actas do Conselho Consultivo da RM. 1975).
23. A criação da EIMG, que surge na sequência da transformação da Emissão “B”, teve lugar em 09 de Junho de 1979. (Ordem de Serviço nº /79, da Direcção da RM).
24. HAMERS e BLANC (1989), no *Bilinguality and Bilingualism*, ao abordarem as várias formas de aculturação estrutural, apontam a assimilação como uma das categorias que devem ser vistas como variáveis contínuas, em que “um indivíduo ou um grupo pode abandonar a sua língua por uma outra sem, necessariamente, perder o seu sentido de identidade...”(P.158). Por isso, o processo de assimilação aqui empreendido fez com que falantes nativos do Xirhonga já no activo e outros recém-admitidos se vissem confrontados com o facto de terem que abandonar a sua LM, para passarem a escrever e a falar, obrigatoriamente, o Xichangana, denominado Xitsonga, como sua língua de trabalho. (Depoimentos de alguns profissionais no activo e outros já aposentados recolhidos em Junho e Julho de 1998, em Maputo).

25. Siteo, Langa e Simango (1995) com *As Línguas Moçambicanas na Rádio Moçambique* fornecem algumas das bases científicas para a reposição do Xirhonga na EIMG.
26. Informação recolhida a partir dos Arquivos da EIMG, em Maio de 1998.
27. Em carta datada de 22 de Abril de 1997, a Chefia da EIMG dá a conhecer ao Director de Programas da RM-EP o início, da forma sistemática, a alternância cíclica dos períodos de emissão em Xirhonga e Xichangana, com uma periodicidade trimestral. (Dados recolhidos nos Arquivos da EIMG, em Maio de 1998).
28. A EIMG utiliza emissores de Onda Média (OM), de 50 kw, cuja área de cobertura de 120 quilómetros de raio, no período diurno, aumenta, consideravelmente, no período nocturno, devido às melhores condições de propagação. (Informação recolhida junto de um quadro sénior da Direcção Técnica da RM-EP, em 10 de Fevereiro de 1998).

CAPÍTULO III

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo procedemos ao enquadramento teórico, à indicação de conceitos operatórios vários ligados à área da sociolinguística, no contexto da comunicação radiofónica, bem como à identificação de experiências de planificação linguística em estações radiofónicas, com vista a dar resposta à questão da escolha das variantes dialectais nas emissões em LB, tema central do nosso trabalho. Procedemos igualmente à discussão de alguns aspectos teóricos que se colocam no funcionamento de uma língua, nas suas variantes e questões que emergem da realização das emissões radiofónicas com esta característica.

Decidimos seguir por esta via porque pretendemos identificar as opções mais adequadas ao caso de uma rádio do sector público num contexto multilíngue e multicultural, como é a RM-EP.

Assim, o presente capítulo incidirá sobre os seguintes aspectos:

- Planificação Linguística;
- Língua, Dialecto e outros conceitos operatórios e
- Experiências de planificação linguística em estações de radiodifusão.

3.1-Planificação Linguística

O conceito de planificação linguística tem sido visto de diversas maneiras por vários autores. Por exemplo, para GARMADI (1983:175), "... determinadas definições da planificação linguística são prudentes até à imprecisão, quase não chegando a entrever a realidade". Se algumas das definições propostas primam pela cautela, outras existem que não passam de expressões que correspondem aos pontos de vista pessoais e aos objectivos preconizados pelos seus autores. GARMADI (1983) acrescenta que, para alguns autores, a planificação linguística é uma actividade que apenas encontra eco no poder do Estado, visto que o Estado é a entidade a que se atribui a capacidade de conceber e chamar a si a tarefa de regulamentar os factos linguísticos e sociolinguísticos.

Entretanto, para COOPER (1989:29), que indica que o termo *Planificação Linguística* entra na literatura pela mão de EINER HAUGEN, em 1959, este processo define-se como "... actividade de preparação de uma ortografia normativa, da gramática e do dicionário para guia dos escreventes e falantes numa comunidade de discurso não-homogênea".

Para outros autores, como FASOLD (1984:246) a planificação linguística implica uma escolha explícita entre alternativas nas formas dos usos linguísticos, do tipo referencial, emotivo ou social.

CHRISTIAN (1988:193) acrescenta que "... estas alternativas existem em todos os níveis do uso da língua, mas nem todos os níveis são igualmente alvos susceptíveis à planificação linguística ". Esta autora adverte, no entanto, sobre o facto de que "... os problemas da língua não podem ser resolvidos através da atenção à língua apenas... ",

visto que as alternativas do uso da língua estão implantadas no contexto social, económico e político em que funcionam.

Posto isto, CHRISTIAN (1988:197) avança uma definição de Planificação Linguística que reconhece o papel dos indivíduos como agentes dos esforços organizados ao afirmar que "... a planificação linguística é um esforço explícito e sistemático com vista à resolução de problemas linguísticos e à realização de objectivos afins através da intervenção organizada institucionalmente no uso e utilização das línguas"¹.

Nesta busca de uma definição da planificação linguística, EASTMAN (1983:1-2) aponta como objectivo deste processo a forma como a língua deve ser conduzida e interpretada com êxito numa *comunidade de discurso*, em função dos objectivos dessa comunidade, das opções e das possíveis recomendações da política linguística a adoptar por essa comunidade.

Para alguns autores, a planificação linguística pode assumir duas perspectivas, nomeadamente: o aspecto interno, a *planificação do corpus* e o aspecto externo, a *planificação do estatuto*.

A planificação do "corpus", no dizer de WARDHAGH (1992:347) refere-se às acções relacionadas com as actividades como a cunhagem de novos termos, o desenvolvimento de uma nova ortografia e a criação de um tipo de literatura e cultura, isto é, acções que podem levar uma língua ou variante de uma língua a estender o seu uso a áreas específicas da sociedade. Entretanto, o aspecto externo, a planificação do estatuto, comporta acções que podem conduzir à mudança da função de uma língua ou variante

¹ "... Language planning is an explicit and systematic effort to resolve language problems and achieve related goals through institutionally organized intervention in the use and usage of language" (p.197) .

de uma língua e, conseqüentemente, à alteração dos direitos linguísticos dos seus falantes nativos. Deste modo, a planificação do estatuto linguístico pode representar o aperfeiçoamento ou a redução dos direitos desses falantes em relação a outros grupos.

De entre estes dois aspectos da planificação linguística e face aos múltiplos problemas linguísticos que se colocam na actualidade, a planificação do estatuto linguístico ganha maior projecção, principalmente por parte das instituições governamentais, mas não só, as quais se propõem a apresentar fórmulas de resolução desses problemas linguísticos, segundo determinados objectivos, previamente definidos. Isto significa que a planificação linguística tem subjacente uma *política linguística*, como o referem APPEL e MUYSKEN (1987:47). Com efeito, a planificação do estatuto linguístico passa a ser entendida como sendo a política linguística, categoria esta que, no dizer de GARMADI (1983:176), não conheceu um desenvolvimento tão profundo como o do conceito de planificação linguística por "... no passado, ela ter tomado na maior parte das vezes o aspecto de não-intervenção (...) ou a forma de intervenções empíricas, isoladas no espaço e no tempo e incapazes de criar uma tradição metodológica".

Assim, a planificação linguística, vista como uma parte da política linguística, no acto da sua execução, assume os dois aspectos acima mencionados, tomando-os como momentos intrínsecos que concorrem, finalmente, na mudança do estatuto de uma língua ou variante de uma língua. Por isso, a planificação do "corpus" e a planificação do estatuto co-ocorrem, normalmente, na execução de estratégias relacionadas com os usos linguísticos pois, orientam-se por uma política linguística. De facto, as decisões a tomar nesse âmbito implicam qualquer alteração, deliberada ou fortuita, da situação da língua ou da variante da língua em causa.

A planificação linguística, ocorre por etapas. Segundo APPEL e MUYSKEN (1987:48) é possível identificar a etapa da planificação linguística denominada de *selecção linguística* que se refere ao processo de determinar, de entre as línguas, aquela ou aquelas que podem desempenhar o papel de língua nacional, nomeadamente nos países recém-independentes em África. Esta selecção pode recair sobre uma língua indígena ou uma língua de comunicação mais ampla (LCMA), normalmente a da antiga potência colonial.

O *tratamento da língua minoritária* é a etapa da planificação linguística que determina a atitude a adoptar em relação a tais línguas: tolerância, estímulo ou supressão; enquanto que o *desenvolvimento linguístico*, que se orienta no sentido de promover o crescimento quer das línguas de âmbito nacional quer das línguas minoritárias, representa outra etapa da planificação linguística.

No entanto, em FISHMAN (1968a) já se vislumbram alguns dos contornos que caracterizam a actual visão amplamente aceite de que a política linguística, como parte da planificação linguística, resume-se à tentativa de se dar uma resposta plausível às reivindicações de autenticidade e de eficiência. Assim, a planificação linguística, na perspectiva de FISHMAN² citado por EASTMAN (1983:7-12), comporta quatro etapas, nomeadamente: a *formulação*, a *codificação*, a *elaboração* e, finalmente, a *implementação*.

A etapa da *formulação* corresponde ao momento do estabelecimento dos objectivos visados, enquanto que a *codificação* diz respeito à fixação de estratégias práticas de execução dos fins preconizados.

² FISHMAN, Joshua A. *et al. Bilingualism in the Bario*. New York . 1968a.

políticos, enquanto que a *implementação*, finalmente, corresponde à execução dos objectivos e da motivação para o uso da política linguística pela população afectada.

Estas etapas são vistas por APPEL e MUYSKEN (1987) como correspondendo a *procedimentos*, alguns dos quais se situam, mesmo antes da tomada de qualquer passo mais substancial, como é o caso da identificação prévia do número de falantes de LM e de língua segunda (L2), em cada língua, a sua distribuição social, o seu estatuto sociolinguístico, a existência de formas escritas, entre outros.

Alguns destes procedimentos dizem respeito: à *organização* de um programa de acção, no qual são indicados os objectivos específicos do processo de planificação linguística; à *codificação*, momento que antecede a standardização da língua, que é o estabelecimento de um código explícito através de gramáticas, dicionários, prontuários, bem como à *modernização da língua*, que coincide com a *elaboração*, anunciada por EASTMAN (1983), na qual se destacam a expansão do léxico e o desenvolvimento de novos estilos e formas discursivas.

A *implementação* surge, igualmente, como outra das etapas do processo de planificação linguística em que se afirma por intermédio da adopção de técnicas apropriadas como a publicação de listas de palavras, gramáticas, livros escolares; a divulgação das leis numa linguagem acessível ao cidadão comum e outras iniciativas. No último degrau do processo da planificação linguística situa-se a *avaliação*, uma etapa que permite mostrar que a planificação linguística pode ser bem sucedida, avaliada pelos resultados práticos na vida dos países.

A planificação linguística, todavia, por ser um processo que decorre na realidade social, é influenciada por factores de vária ordem, como sejam:

- Demográficos, que dizem respeito ao número de línguas faladas e dos seus falantes, bem como a sua distribuição geográfica;
- Linguísticos que se referem ao estatuto, carácter e às semelhanças e diferenças entre as línguas;
- Psicolinguísticos que dizem respeito às atitudes das pessoas em relação a uma língua;
- Políticos que tornam visível a relação directa entre a política geral do país e a sua política linguística, bem como o peso destes factores na planificação linguística, traduzindo-se em casos como de educação bilingue ou educação em língua minoritária; e
- Religiosos, cuja expressão se revela através do uso das LB nos actos relacionados com a religião.

Todos estes factores que, não ocorrendo isoladamente mas de forma simultânea, devem ser vistos na perspectiva de interacção mútua na realidade social em que actuam. Por isso, tendo em conta estes factores, WARDHAUGH (1992:347) resume a execução da planificação linguística a quatro princípios orientadores que conduzem à tomada da decisão de empreender tal processo numa dada sociedade. Estes princípios orientadores são, nomeadamente; a *assimilação linguística*, o *pluralismo linguístico*, a *vernaculização* e o *internacionalismo*.

O princípio orientador da *assimilação linguística* conduz à aceitação de que, independentemente da sua origem, qualquer indivíduo pode aprender a língua dominante na sociedade em que está inserido, enquanto que o *pluralismo linguístico*

pode ter como base, por um lado, quer o território quer o indivíduo ou os dois níveis combinados, e, por outro lado, pode assumir uma dimensão completa ou parcial, fazendo com que todos ou somente alguns aspectos da vida da sociedade sejam realizados, utilizando-se mais do que uma língua.

A *vernaculização* surge como a restauração ou elaboração de uma língua indígena e a sua adopção como uma LO, enquanto que o princípio orientador do *internacionalismo* consiste na adopção de uma língua não-indígena de comunicação mais ampla, quer como LO quer para fins como a educação, a economia e outros. É o caso da adopção de línguas como Português, Inglês, Francês e Espanhol em países pós-coloniais.

Como se pode depreender, a abordagem das questões de planificação linguística não pode produzir as mesmas respostas em todos os períodos e contextos, devido não só à ocorrência de mudanças objectivas, quantificáveis, numa determinada sociedade, mas também por causa da ocorrência de alterações psicológicas, mais subjectivas e menos quantificáveis. De igual modo, a planificação linguística não pode ignorar os sentimentos de identidade das pessoas, da língua que falam e dos direitos que julgam que deviam ter, pois, tais sentimentos não podem ser vistos como ficção, porque são uma realidade a ter em conta para o êxito da mesma.

Com efeito, a questão da opção por uma variante dialectal nas emissões radiofónicas em Xirhonga, na EIMG, integra-se no processo específico da planificação linguística, tendo em conta a política linguística em vigor na RM-EP, em particular, e do país, em geral. A reivindicação de uma maximização do impacto dos meios radiofónicos implica o estabelecimento de um vínculo comunicativo com os ouvintes, o que pressupõe a identificação quer da língua quer da respectiva variante de consenso; a determinação do tipo de atitudes que essa variante dialectal desencadeia nos falantes da respectiva língua,

bem como a percepção da direcção para que aponta o seu almejado crescimento, para além da identificação dos factores que interveem nesse processo.

Através desta secção, identificamos os fundamentos teóricos expostos na revisão, em busca de possíveis soluções práticas que abram caminho a uma planificação linguística que permita a realização de mensagens radiofónicas apropriadas e adequadas, formal e funcionalmente. Este processo pode ser visto como a preparação da implementação de uma política linguística que implica critérios da planificação linguística.

Em síntese, entendemos a planificação linguística na vertente da política linguística, com a planificação do estatuto como o elemento principal da sua execução que, por consequência, arrasta consigo a planificação do corpus. Assim, podemos definir este processo como:

- O desenvolvimento de acções, consciente e deliberadamente organizadas, com recurso a técnicas específicas, tendo em vista influenciar e alterar os usos linguísticos dos falantes de uma dada língua ou variante dialectal de uma língua;
- A realização de critérios para salvaguardar os direitos linguísticos dos sujeitos falantes, tendo em conta, simultaneamente, a sua identidade cultural na comunidade linguística respectiva e os interesses gerais da sociedade, no seu todo;
- A potenciação máxima de outras liberdades e a funcionalidade das emissões radiofónicas.

3.2- Língua, Dialecto e Outros Conceitos Operatórios

A distinção entre aquilo que se considera *língua* e o que se designa de *dialecto* é problemática. Vejamos alguns exemplos.

FARIA *et al.* (1966) encaram a língua como uma noção político-institucional que, para os seus utentes e devido a imperativos de ordem política, económica e social, alcançou uma posição funcional e psicológica independente.

CARVALHO (1973:328), por seu turno, apresenta a língua como "... um conjunto de idiomas que são sentidos pelos membros de uma comunidade como formas várias de uma entidade única, fundada numa tradição comum".

A concepção de língua como uma entidade que se materializa na maneira como os seus falantes a assumem constitui um ponto comum dos autores citados. Outra dimensão do conceito língua pode se encontrar em CUNHA e CINTRA (1991:1), que remete a um sistema gramatical de que um grupo de indivíduos de uma comunidade linguística é detentor, sistema que lhe permite o uso de uma determinada língua. Este último ponto de vista define a língua numa perspectiva meramente linguística ao tomá-la como um sistema gramatical, propriedade de um conjunto de indivíduos falantes da mesma, enquanto que FARIA *et al.* (1996) e CARVALHO (1973), ao tomarem como ponto de partida a atitude das comunidades falantes perante a mesma, evidenciam uma dimensão sociolinguística.

Segundo CARVALHO (1973), a noção de língua abrange as variedades inter-individuais, geográficas, sociais e até históricas que são faladas por diversos indivíduos que se assumem e se declaram como membros de uma dada comunidade linguística. Com base na diversidade de realização da língua na mesma comunidade linguística e

estabelecendo uma relação entre a referida diversidade e a natureza dos factores que determinam tal variedade, CARVALHO (1973) define o dialecto como uma variedade linguística condicionada pelo factor geográfico. Muitas vezes, porém, os dialectos não correspondem a factores geográficos, mas sim sociais.

A variação linguística tem muitos factores que a determinam, sendo de destacar os de natureza histórica ou diacrónica; geográfica ou diatópica; sócio-cultural ou diastrática e os registos de língua ou diafásica.

Para HUDSON (1980:30-31), no entanto, língua e dialecto definem-se em termos de espaço e prestígio, em que a língua ocupa maior espaço territorial, sendo detentora de vastos direitos e de prestígio assinalável, enquanto que o dialecto se limita a uma região e o seu prestígio é reduzido. Trata-se de uma visão que associa língua à variante-padrão e dialecto às outras variantes da mesma língua. A distinção entre língua e dialecto, no entanto, continua a ser problemática, dado que nela interveem aspectos extralinguísticos, ditados pelos falantes dessas línguas, principalmente em relação à selecção da variante dialectal tida como de referência.

No processo de análise dos usos linguísticos, para além das categorias língua e dialecto, operamos com os conceitos de língua local (LL), língua materna (LM), língua de comunicação mais ampla (LCMA), língua oficial (LO) e outros. Estas categorias, no entanto, carecem de uma definição adequada, em função dos vários fins em vista. Assim, em face do tema do presente trabalho, a noção de LL refere-se a um meio de comunicação que se consubstancia, especificamente, nas línguas de origem Bantu, nativamente faladas em Moçambique por cerca de 98.8% da população, conforme o RGP de 1980.

Ligado à noção de LL encontramos o conceito de *variante dialectal* que, no âmbito deste trabalho tem como seu universo os falantes de uma LB e que apresenta uma variação característica de uma dada região. Trata-se de uma variação geográfica ou de natureza diatópica. No caso do presente trabalho, o Xinondrwana, o Xizingili, o Xintimana e o Xihlanganu são variantes dialectais do Xirhonga, faladas em diferentes regiões geográficas da Província de Maputo.

A respeito de LM que a UNESCO (1951), citada por EASTMAN (1983:6) define como "... a língua que se adquire em criança", enquanto que LOPES (1997:16) afirma, resumindo, que "... A melhor definição de língua materna é a que utiliza o critério de identidade em associação com o critério de origem: *a língua materna é a língua materna original (i.e., adquirida em primeiro lugar) com que o falante se identifica.*

Assim, segundo esta perspectiva sociolinguística, o Xirhonga, o Xichangana, o Emakhuwa ou o Cisena surgem como LM de muitos moçambicanos, bem como a língua Portuguesa, para alguns moçambicanos, uma vez que esses falantes assumem-nas como suas, quer pela origem, quer pela identidade.

Quanto ao conceito de LCMA, particularmente em relação aos países africanos, BAMGBOSE (1991:19) indica que são consideradas como tais as línguas europeias usadas como LO no período colonial, (Inglês, Francês, Espanhol e Português), que são adoptadas pelas novas nações emergentes, continuando a gozar do mesmo estatuto, em detrimento das LB.

No caso de Moçambique, a noção de LO tem subjacente na mente e na prática discursiva de muitos falantes a ideia de uma língua de elites, das leis, do ensino, da comunicação social; uma língua "superior" àquelas que são realizadas informalmente no dia a dia por grande parte dos moçambicanos, cujo estatuto se considera "inferior", pois, segundo LOPES (1997:16) "... a língua materna original goza de muito pouco

pois, segundo LOPES (1997:16) "... a língua materna original goza de muito pouco prestígio e estatuto quando comparada com a língua de comunicação mais ampla (ex-língua colonial) que usufrui de mais reconhecimento e do estatuto de língua oficial exclusiva".

Outra noção como língua segunda (L2), é abordada neste estudo, conceito que EASTMAN (1983:6), citando a UNESCO (1951), define como: "...uma língua adquirida em acréscimo a uma língua primeira". A noção de L2, no contexto específico de Moçambique, aplica-se, geralmente, à língua Portuguesa, que, de acordo com o RGP de 1980, é nativamente falada por 1.2% dos moçambicanos.

3.3- Experiências de Planificação Linguística em Estações de Rádio

A actividade de radiodifusão constitui-se em função de um objectivo bem preciso, patente na sua actuação. Grandes ou pequenas estações de radiodifusão, com prestígio e tradição assinaláveis ou sem eles, inscrevem as suas obrigações e os princípios que norteiam os seus objectivos no código da sua conduta. O referido código de conduta pode basear-se numa política linguística, mesmo que não esteja declarada, explicitamente.

Com efeito, em grande parte dos estatutos dos organismos de radiodifusão, raramente, se indica a sua actuação em relação à língua que lhes serve de veículo de comunicação. Esta posição não pode ser tomada como sinónimo de que esta questão não é relevante; pelo contrário, ela é de capital importância como o veremos mais adiante através de alguns exemplos. No caso da British Broadcasting Corporation (BBC), criada em 1927, os seus estatutos definem-na como "... uma corporação pública constituída por intermédio da Royal Charter e operando sob uma Licença e Acordo garantidos pela

Secretaria dos Negócios Internos. O propósito da corporação é de proporcionar um serviço público de radiodifusão para recepção no país e no exterior". (BBC,1982:169)³.

Especificando as suas obrigações, a BBC afirma que a sua actuação direcciona-se no sentido de se evitar publicitar qualquer pessoa individual, produto, firma ou interesse organizado, exceptuando-se se isso se impuser como necessário ao estabelecimento do programa informativo com essa finalidade.

Não obstante não o referir, de forma explícita, como a BBC tem encarada a questão da língua Inglesa, base do seu trabalho, este aspecto está bem presente, para quem escuta regularmente as suas emissões, principalmente o Home Service. Com efeito, no Home Service é ponto assente o uso do impecável "Queen's English" como um traço distintivo em relação a outras variantes desta língua que são faladas mesmo no território do Reino Unido, segundo alguns profissionais da RM que trabalharam recentemente na BBC em Londres. Quanto ao External Service, a BBC procura veicular as várias formas de se falar o Inglês, desde a forma típica das distantes Austrália e Nova Zelândia, passando pelas formas peculiares do Inglês da Índia, do Zimbabwe, da Nigéria, do Porto Rico, dos Estados Unidos da América e a do Canadá.

No caso das duas principais estações de radiodifusão da República Federal da Alemanha, nomeadamente, a Deutshlandfunk e a Deutsche Welle transmitem o Hoch Deutsche -o alemão clássico-, como questão de princípio, no dizer de alguns jornalistas da RM que trabalharam até 1998 na Deutsche Welle, em Colónia, bem como das

³ "... public corporation (a' body corporation') set up by Royal Charter and operating under a Licence and Agreement garanted by the Home Secretary. The corporation's objectif is provid a public service of broadcasting for general reception at home and abroad". (p.169) .

informações recolhidas aquando da visita efectuada àquelas duas estações naquela cidade, em 1993.

O Hoch Deutsche, cuja origem se situa na região da Baixa Saxónia, perto de Hannover, é uma variante de prestígio, sendo tomada como elo de ligação das diversas formas de realização desta língua germânica, que conhece a sua consolidação nos finais do século XVIII.

Em relação às estações de radiodifusão de países multilingues e multiculturais, principalmente em África, a sua actividade experimenta situações que, segundo BAMGBOSE (1976) se enquadram no processo de evitação, caracterizado pela adopção de uma atitude através da qual as entidades governamentais se libertam da situação desagradável de pronunciamiento perante a comunidade, favorecendo a continuação, na prática, da actuação nos moldes do sistema herdado do passado colonial. Este *modus faciendi* é tomado em nome da preservação da unidade nacional.

No entanto, o caso da radiodifusão da África do Sul do pós-Apartheid demonstra que, nesta actividade é possível a adopção de uma planificação linguística sem prejudicar a unidade da nação. Com efeito, os estatutos da South African Broadcasting Corporation (SABC) vão ao encontro do direito linguístico que assiste a todos os cidadãos de se comunicarem nas línguas da sua escolha, corporizando o direito constitucional que garante o estatuto igual a todas as onze línguas declaradas oficiais no país.

Na execução da sua tarefa nas onze línguas definidas constitucionalmente como oficiais, portanto, línguas de uso corrente nas instituições governamentais, incluindo a radiodifusão, a SABC afirma que "... reconhece também que várias línguas sul-africanas são partilhadas, faladas, compreendidas e extensivamente usadas por um número

considerável de membros da população fora do grupo que fala tais línguas como suas línguas domésticas ou línguas de primeira escolha" (SABC, 1995:7)⁴.

Através destes exemplos transparece, ainda que de forma imperceptível, o princípio de que toda a actuação dos organismos de radiodifusão decorre e obedece a uma política linguística, a qual encontra a sua expressão não só na opção da língua ou variante dialectal de uma dada língua que lhe serve de suporte das mensagens que veicula, mas também no modo como se processa o tratamento dessa língua ou variante dialectal, em relação às demais do país em causa.

Estas experiências de usos linguísticos na área específica da radiodifusão abrem perspectivas para o debate em torno da actividade específica da RM-EP em LB. Com efeito, privilegiando maior espaço das suas emissões a estas línguas, a RM-EP, ao transmitir presentemente em dezanove (19) LB que ocupam a maior parte das horas da programação das estações provinciais, está já a desenhar e aplicar a sua política linguística, não obstante a política linguística geral do país não estar declarada explicitamente. No entanto, apesar dos avanços atingidos no trabalho da RM-EP, ainda se podem perspectivar melhorias, que têm a ver com uma maior adequação dos usos linguísticos nas emissões radiofónicas no que diz respeito à selecção das línguas e/ou variantes dialectais, como vai ser ilustrado com a análise do caso do Xirhonga.

⁴ "The SABC also recognises that several South African languages are shared languages, spoken, understood and extensively used substantial numbers of people outside of the group which speak them as their home language or language of first choice". (p.7)

CAPÍTULO IV

4. ELICITAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O presente capítulo debruça-se sobre a metodologia adoptada para a elicitação dos dados, as técnicas usadas na pesquisa e organização dos dados obtidos para a sua análise.

4.1- Metodologia de Recolha dos Dados

Tendo em vista a análise dos factores que intervêm na opção por uma determinada variante dialectal de uma dada LB, na actividade radiofónica, procedemos à recolha da informação susceptível de fornecer indicações sobre os seguintes aspectos:

- O perfil linguístico das pessoas e da zona da sua inserção social, bem como o tipo de atitudes e percepções dos sujeitos falantes do Xirhonga, em relação às variantes dialectais desta LB;
- O impacto das emissões radiofónicas da RM-EP em Xirhonga, através da programação e do desempenho dos seus profissionais (locutores) e
- O grau de cobertura e a qualidade de audição das emissões em Xirhonga na EIMG.

Os objectivos em causa foram atingidos recorrendo-se a métodos qualitativos e a técnicas de inquérito, entrevistas, análise de documentos produzidos pelos profissionais da EIMG e observação e registo do comportamento dos informantes, face às questões

colocadas. Esta metodologia e técnicas surgem como os mais ajustados ao caso em estudo, dada a natureza sociolinguística da pesquisa.

Com efeito, através da aplicação desta metodologia e técnicas, pretendemos identificar os factores determinantes das atitudes e opiniões dos informantes, a partir da análise dos factos e das suas relações, de forma a tirar ilações com base nos resultados apurados, neste processo de busca da adequação dos usos linguísticos na radiodifusão em LB.

4.2- Técnicas Adoptadas

Definida a metodologia de trabalho, adoptamos como técnica de realização das acções programadas os seguintes instrumentos:

- Inquérito sociolinguístico baseado em perguntas semi-fechadas, dirigidas a técnicos de produção e jornalistas da EIMG, operando, preferencialmente, em LB e também em Português (Anexo A);
- Entrevistas e mesas-redondas organizadas em perguntas abertas, formuladas a jovens e adultos, de ambos os sexos, individual ou colectivamente, seleccionados aleatoriamente (Anexos B e C);
- Análise dos trabalhos produzidos pelos profissionais ligados à radiodifusão na EIMG;
- Troca de impressões com diversos profissionais, agentes directos ou indirectos do processo de comunicação radiofónica.

4.3- Organização dos Dados Recolhidos

Os dados recolhidos fornecem indicações sobre:

- Tipologia dos informantes;
- Grau do conhecimento e domínio da LM dos informantes;
- Distribuição territorial das variantes dialectais do Xirhonga, segundo os seus falantes nativos;
- Uso de LB como instrumento de comunicação interpessoal e de trabalho dos informantes;
- LB e o modelo de educação formal dos informantes;
- Atitudes dos informantes sobre as variantes dialectais da sua LM;
- Posição dos informantes sobre a inteligibilidade mútua de algumas LB;
- Apreciação dos informantes sobre o desempenho linguístico dos profissionais da radiodifusão em LB;
- Opinião dos informantes sobre a programação das emissões em LB na EIMG;
- Grau de audiência das emissões em Xirhonga na EIMG;
- Nível de observação dos direitos linguísticos dos informantes na RM-EP;

- Inserção dos falantes nativos das LB no processo de desenvolvimento social sustentável do País.

Este conjunto de dados foi considerado indispensável para analisar a problemática em estudo. Com efeito, deste rol de informações empíricas provavelmente, apontam para o estabelecimento de algumas bases de uma consistente e exequível planificação linguística da RM-EP.

4.4- Inquérito Sociolinguístico, Entrevistas e mesas-redondas.

4.4.1- Local da sua Minистраção

O inquérito sociolinguístico foi levado a cabo na Sede da RM-EP, em Maputo. Envolveu dezoito (18) profissionais da EIMG que têm o Xirhonga ou o Xichangana como suas línguas de trabalho.

As entrevistas e as mesas-redondas, foram efectuadas nos Distritos de Mathuthwini e Murhakueni e na Cidade de Maputo, concretamente nos bairros de Hlamankulu e Mavalana, tendo contado com vinte e nove (29) informantes, entre jovens (raparigas) e adultos de ambos os sexos.

Na efectivação, quer do inquérito, quer das entrevistas e mesas-redonda, optámos por contar com todos quantos pudemos contactar, aleatoriamente, e se mostraram disponíveis e receptivos.

A escolha dos locais, principalmente da minистраção das entrevistas e mesas-redondas, teve como propósito reunir dados de zonas rurais diferentes, bem como de zonas peri-

4.4.2- Selecção dos Informantes

Os informantes, quer do inquérito sociolinguístico, quer das entrevistas são falantes nativos do Xirhonga e do Xichangana, de ambos os sexos, com experiências de trabalho e nível de formação académica, bem como com uma prática do uso da respectiva LM diferenciados. A opção por este perfil de informantes visa permitir trabalhar, particularmente, na base de uma amostra que represente uma elevada frequência de uso do Xirhonga. Neste âmbito, pretendemos controlar, ao máximo possível, a provável influência dos efeitos das transferências linguísticas que se registam em contextos em que se opera com sujeitos falantes que utilizam duas ou mais línguas de sistemas diferentes.

Este propósito, todavia, apenas poderá ser alcançado em parte, visto que todos os entrevistados estão, de certo modo, confrontados no seu quotidiano com a língua Portuguesa, com maior ou menor intensidade. Neste trabalho, deliberadamente, omitimos os nomes dos nossos informantes, em sinal de respeito pelo seu direito à privacidade, citando apenas os locais e as datas da ocorrência dos factos reportados.

4.4.3- Procedimentos na Minистраção do Inquérito Sociolinguístico

Os profissionais da EIMG foram inquiridos individualmente, respondendo às questões constantes do anexo A, após uma breve explicação de enquadramento do trabalho pretendido.

O inquérito foi conduzido na língua Portuguesa, tratando-se de profissionais que têm também este idioma como sua língua de trabalho e por razões práticas. O inquérito está assim estruturado:

- Perfil individual;
- Perfil sociolinguístico;
- Perfil do desempenho técnico-profissional; e
- Conhecimentos linguísticos

4.4.4- Procedimentos na Ministração das Entrevistas e Mesas-redondas.

As entrevistas efectuadas foram doze (12) individuais e seis (6) mesas-redondas, respondendo às perguntas constantes dos anexos B e C.

Exceptuando uma das entrevistas que foi conduzida e respondida em língua Portuguesa, todas as restantes e as mesas redondas foram feitas integralmente em Xirhonga, tendo sido precedidas de uma breve explicação, de forma a enquadrar os indivíduos nelas envolvidos.

O trabalho decorreu quer ao ar livre quer no interior de casa, consoante as condições atmosféricas e de captação sonora permitiam e, nessa base, apesar da existência de um questionário que servia de guião, mas devido ao nível de escolaridade de grande parte dos entrevistados e porque o ambiente assim aconselhava, o processo de recolha ditou uma dinâmica tal que as perguntas ganharam uma forma aberta. Assim, as entrevistas e as mesas-redondas os seguintes aspectos principais:

- Perfil sociolinguístico; e
- Atitudes e percepções linguísticas.

De salientar que, quer em relação ao inquérito sociolinguístico, quer quanto às entrevistas, adoptámos o método da triangulação das questões, tendo em vista confirmar as respostas fornecidas.

4.4.5-Análise dos Resultados do Inquérito Sociolinguístico

4.4.5.1- Perfil Individual

A maioria dos inquiridos são cidadãos nascidos na Província de Gaza. Os inquiridos apresentam idades compreendidas entre os 26 e os 55 anos, sendo maioritariamente do sexo masculino e cuja média das suas habilitações literárias se situa na 9ª classe, havendo alguns com apenas a 5ª e, muito poucos, a 12ª classe.

Grande parte destes inquiridos está integrada, profissionalmente, na carreira de técnicos de produção (isto é, redactores de programas e locutores). Antes do seu ingresso na rádio, a maioria vivia na Província de Gaza e muitos eram estudantes do ensino secundário, professores primários, escriturários, motoristas e operários. Esse ingresso na Rádio processou-se cobrindo os anos de 1976, 1977, 1978, 1980, 1991 e 1997.

4.4.5.2- Perfil Sociolinguístico

Os inquiridos apresentam, maioritariamente, o Xichangana como sua LM, seguida do Xirhonga e do Cicopi. De destacar, no entanto, que alguns dos inquiridos que sempre falaram a língua Portuguesa, em casa, por imperativo dos seus pais, não consideram esta

língua como a sua LM. Este grupo de inquiridos refere que teve contacto com uma língua Bantu, a partir da rua e, em certos momentos, com familiares que não falavam a língua Portuguesa. Os restantes referem que aprenderam a falar a respectiva LM em casa, com os pais, vindo a perder um pouco o seu domínio, aquando da sua ida à escola.

Os inquiridos indicam como suas línguas de trabalho no seu quotidiano, as seguintes:

- Para todos: a língua Portuguesa que foi aprendida de forma sistemática na escola e, informalmente, para alguns, em casa.
- Para a maioria: O Xichangana, que é igualmente adoptado também pelos falantes nativos do Cicopi e
- Para alguns: o Xirhonga.

Alguns dos inquiridos, principalmente entre os falantes nativos do Xirhonga e do Xichangana, referem ter aprendido a ler estas línguas no seio dos grupos juvenis das confissões religiosas em que se integravam, antes de iniciarem a vida profissional.

A respeito de outras línguas Bantu que são do seu conhecimento, os inquiridos apresentam o seguinte quadro:

- Um compreende, mas não fala o Emakhuwa;
- Dois compreendem e falam o Siswati e
- Três compreendem e falam o Zulu.

O conhecimento destas línguas resulta do contacto com os falantes das mesmas, num período determinado da vida dos referidos inquiridos. Com efeito, estes inquiridos

referem que não aprenderam, formalmente, tais línguas, mas sim foi no dia a dia, na vivência com outros falantes.

No respeitante à língua de maior frequência de uso no seu quotidiano, a posição dos inquiridos permite a seguinte constatação:

- A maioria usa, normalmente, o Xichangana ou o Xirhonga, conforme o seu interlocutor fale a respectiva língua, e, tal acontece quer no seio da EIMG, quer o relacionamento com familiares, amigos ou outros.
- Os que têm o Cicopi como sua LM, referem que usam esta língua no seio da família, principalmente com os seus entes mais velhos, pois, em outras circunstâncias recorrem, muitas vezes, ao Xichangana.
- Todos os inquiridos, no entanto, usam igualmente com frequência a língua portuguesa, quer ao nível da EIMG, quer principalmente no relacionamento com os restantes profissionais seus colegas, bem como na conversação com os familiares mais novos e em outras situações. De salientar que um número reduzido de inquiridos refere que usa também a língua Portuguesa no relacionamento com os pais, como resultado de uma prática que vem desde a infância.

Sobre o juízo que os ouvintes fazem do facto de os inquiridos usarem as LB como seu instrumento de trabalho, estes, unanimemente, referem que são tidos, maioritariamente pelos jovens e gente com certa escolaridade, sobretudo os “novos-ricos” nos centros urbanos, como “indivíduos de baixo nível”. Mas, segundo os inquiridos “... a maioria da população orgulha-se pelo facto de ouvir as suas línguas na Rádio, através das nossas vozes”.

Na opinião dos inquiridos, uma apreciação negativa dos jovens e dos “novos-ricos” das cidades tem como base “a situação de marginalização a que as línguas de origem Bantu estão votadas, porque não são ensinadas nas nossas escolas, nem usadas na vida oficial do País”.

4.4.5.3- Perfil do Desempenho Técnico-Profissional

Os inquiridos, na sua maioria, referem que enfrentam algumas dificuldades no uso adequado do Xirhonga ou do Xichangana como suas línguas de trabalho, nomeadamente, no processo de tradução de palavras, expressões ou conceitos de carácter político, económico ou tecnológico em textos produzidos inicialmente em língua Portuguesa. Esta dificuldade resulta do facto de, muitas vezes, a realidade a que se reportam os textos não ser do total domínio dos profissionais inquiridos.

A estratégia de superação de tais dificuldades a que quase todos apontam consiste no recurso, sistemático, aos dicionários, gramáticas e outros materiais afins disponíveis, bem como na consulta a outros colegas mais habilitados, académica e profissionalmente, sem deixar de lado as contribuições dos debates no seio do Núcleo de Línguas que funciona ao nível da EIMG. Em termos concretos: na elaboração dos seus trabalhos, a maioria dos profissionais procede ao tratamento de novos conceitos ou palavras, a partir da versão das frases em Português, língua fonte (LF), passando para o Xirhonga ou Xichangana, língua alvo (LA), através da tradução literal, no primeiro momento, para depois, buscando a palavra ou expressão-chave na própria LA, cujo significado se aproxime do da LF, optar pela estratégia da tradução idiomática, dependendo da habilidade de cada um no processo de transferência de significados da

LF para a LA. A justificação deste exercício denota a insegurança mas, ao mesmo tempo, a preocupação dos inquiridos de se evitar possíveis desvios, e assim se alcançar uma adequação entre a nova situação que o conceito e a frase exprimem e a realidade vivencial do destinatário da mensagem, produzindo os efeitos desejados.

Em relação ao tipo de actividades que estes profissionais executam no seu dia de trabalho, a maioria aponta a tradução de noticiários e programas específicos, elaborados, primeiramente, em língua Portuguesa; a produção de programas da sua responsabilidade na respectiva LB de trabalho e a realização de emissões na cabine. Apenas alguns é que executam trabalhos de carácter jornalístico, cumulativamente, ou em Português e em Xirhonga, ou em Português e em Xichangana.

A maioria dos inquiridos afirma e deixa transparecer que experimenta algum embaraço, principalmente nos improvisos em directo, quando aborda alguns assuntos normalmente tidos como tabu na tradição africana e, portanto, de tratamento privado, como é o caso das questões relacionadas com a sexualidade, que em língua Portuguesa são tratadas com naturalidade, como acontece no programa "Quadrante da Mulher" da Antena Nacional. Ilustrando esta situação, um dos inquiridos no dia 15.06.98 refere o seguinte: " Em Português chamam-se as coisas pelos seus próprios nomes, mesmo em programas de rádio, como em muitas canções que rodamos nas emissões. Isso não incomoda ninguém. Imagine agora o escândalo que isso não iria provocar se fizéssemos o mesmo nas nossas línguas! "

Quanto àqueles que fazem jornalismo em língua Portuguesa e em Xirhonga ou Xichangana, cumulativamente, as suas dificuldades maiores e frequentes situam-se na manipulação dos engenhos lexicais e formais na estrutura frásica de cada língua em que têm de operar. Tal situação leva à interferências que resultam em frases do Xirhonga ou Xichangana que incorporam, desnecessariamente, palavras em Português, bem como

em textos incoerentes, devido à inapropriedade funcional, tal como: “Timhaka ta direitos de autor tinga bekisiwa namunthla ku programa dra ‘Dzovo richukiwa b'andhla” (Boletim Informativo “Nhlawutelo wa madrungula”, de 17:04.99). Isto é, (“questões dos direitos de autor, abordadas na edição de hoje do programa ‘Dzovo richukiva b'andhla”); bem como das dos exemplos do anexo D.

Não obstante o tipo de dificuldades descrito, a maioria dos inquiridos manifesta um à vontade quando faz a locução de cabine e produz programas na sua respectiva LB de trabalho. Esta situação, na opinião dos mesmos, deve-se ao facto de sentirem que estão a dialogar e que estão em contacto com os ouvintes, uma realidade que é do seu conhecimento e vivência quotidiana, manifestado em afirmações como esta: “ Faço este trabalho com prazer porque falo de assuntos que conheço de antemão e, então, isso me facilita o trabalho”, de um profissional da EIMG inquirido no dia 08.06.98.

Por outro lado, para que os textos redigidos em Xirhonga ou Xichangana possam ser lidos e apresentados pelos colegas da respectiva língua de trabalho sem problemas, todos os inquiridos referem que se esforçam em observar, estritamente, o sistema ortográfico uniformizado, adoptado ao nível da EIMG, o qual permite a fixação de um padrão de referência para todos.

4.4.5.4- Conhecimentos Linguísticos

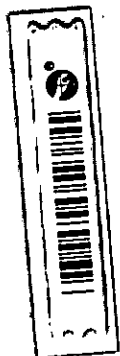
Em relação às variantes dialectais das suas LM que os próprios inquiridos conhecem; a situação apresenta-se da seguinte forma:

- Os falantes nativos do Xirhonga, maioritariamente, identificam o Xinondswana, Xizingili, o Xilwandle e o Xihlanganu.

- Os falantes nativos do Xichangana, na sua maioria identificam o Xidzonga e o Xihlengwe e apenas dois destes inquiridos incluem o Xihlanganu no Xichangana.
- Os falantes nativos do Cicopi todos identificam o Cikhambani e o Cilenge.

No referente ao Xirhonga e ao Xichangana, tomados como língua de trabalho, verifica-se o seguinte:

- No Xirhonga: os seus falantes usam a variante dialectal Xinondswana que a consideram como a mais abrangente entre os Varhonga. Na sua opinião, os ouvintes estão de acordo com o seu uso nos períodos em Xirhonga na EIMG.
- No Xichangana: os seus falantes, maioritariamente, usam a variante dialectal Xidzonga, que a consideram a mais abrangente entre os Vachangana em Moçambique.



Verifica-se, no entanto, que alguns dos inquiridos falantes do Xichangana adoptam a variante Xidzonga nos textos, mas, na locução de cabine, bem como na sua comunicação normal, usam a variante Xihlengwe. A explicação desta actuação, dada pelos visados, é de que qualquer das duas variantes facilita a comunicação com os ouvintes. Todavia, para alguns dos seus colegas, quando confrontados com esta situação, tal procedimento tem como base, por um lado, a influência da variante dialectal da zona de origem de cada profissional e, por outro, a tendência manifestada por alguns de procurar imitar as emissões de Gazankulu, na África do Sul, que usam a variante dialectal Xidzonga.



Entre os inquiridos é sentimento generalizado de que os profissionais que operam em LB na RM-EP deveriam ter um conhecimento e domínio sólidos das respectivas LB de trabalho. Uma parte destes refere que, para o bom desempenho da profissão, se devia privilegiar o recrutamento de indivíduos que tenham uma prática de uso e domínio das LB e da língua Portuguesa, ainda que não possuam a 12ª classe de escolaridade, enquanto outros, todavia, indicam que a 12ª classe devia constituir, obrigatoriamente, o ponto de partida, dado que este grau académico oferece as bases mínimas para o domínio também das LB.

Quanto ao modo de organizar a integração dos novos profissionais no processo do trabalho, todos os inquiridos consideram que a mesma deve decorrer na base de um plano de actividade contemplando o conteúdo e o período de duração de cada etapa, de maneira a familiarizá-los com a natureza, estrutura orgânica e articulação dos vários níveis da Empresa, nas suas especificidades.

A respeito do acompanhamento dos trabalhadores no activo, em relação à sua progressão e seu desempenho profissionais, todos os inquiridos indicam a necessidade de uma acção concertada de formação sistemática. Esta, na opinião dos profissionais, deve constituir uma avaliação periódica e regular, de modo a desenvolver-se um padrão linguístico e técnico-profissional cada vez mais elevado e responsabilizam as chefias directas de cada área, a Escola da Rádio e os linguistas ao serviço da RM-EP como as instâncias internas que devem assumir esta tarefa.

Analisando a programação da EIMG, a maioria dos inquiridos, não obstante considerá-la aceitável do ponto de vista do seu conteúdo geral, discorda, no entanto, da presença nela do período em língua Portuguesa. Para estes profissionais não se justifica que a EIMG também transmita em língua Portuguesa, uma vez que, por um lado, esta estação se encontra baseada em Maputo, onde quer a Antena Nacional quer a Rádio Cidade

nela do período em língua Portuguesa. Para estes profissionais não se justifica que a EIMG também transmita em língua Portuguesa, uma vez que, por um lado, esta estação se encontra baseada em Maputo, onde quer a Antena Nacional quer a Rádio Cidade transmitem naquela língua e, portanto, o ouvinte tem alternativa de escolha; e, por outro lado, o espaço ocupado pela língua Portuguesa na EIMG poderia ser cedido às LB, alargando-se o espaço de transmissão. Alguns dos inquiridos, porém, mostram-se tolerantes em relação à presença da língua Portuguesa na programação da EIMG, considerando que tal espaço constitui um momento que possibilita aos profissionais que operam em Xirhonga ou Xichangana demonstrar que também podem realizar trabalhos de qualidade em língua Portuguesa.

4.4.6-Análise dos Resultados das Entrevistas e Mesas-Redondas

4.4.6.1- Perfil Individual

Os informantes entrevistados agrupam-se nas seguintes categorias:

a) RAPARIGAS:

Estas são de uma idade média de 17 anos, com uma escolaridade situada entre a 2ª e a 4ª classes; no estado de solteiras e cuja actividade laboral principal é o trabalho doméstico e a agricultura familiar.

b) SENHORAS:

Elas apresentam idades que vão dos 21 aos 85 anos, sendo todas, à excepção de apenas uma, já mães e dedicando grande parte do seu quotidiano às lides domésticas e ao

cultivo da terra, principalmente as que vivem nas zonas rurais, e a outras actividades domésticas e pequenos negócios à porta de casa, para as que residem nos bairros periurbanos de Maputu. O seu nível geral de escolaridade não ultrapassa a 4ª classe, havendo algumas que nunca frequentaram algum estabelecimento de ensino.

c) HOMENS:

Estes informantes, na sua maioria, são de idades que vão dos 34 aos 78 anos, havendo alguns que desconhecem a sua idade exacta mas que, pelas indicações por si fornecidas e pelo seu aspecto físico, aparentam ter à volta de 60. Grande parte destes informantes é constituída por camponeses, dedicando-se ao cultivo da terra e ao corte de lenha e fabrico de carvão vegetal. Outros, principalmente os que vivem nos bairros de Hlamankulu e Mavalana, são aposentados.

4.4.6.2-Perfil Sociolinguístico

Os entrevistados, quer os mais novos quer os adultos, apresentam o Xirhonga como a sua LM. No entanto, todas as raparigas e algumas das senhoras usam a variante dialectal Xizingili na sua comunicação quotidiana, no relacionamento familiar e social.

Do grupo das senhoras, apenas algumas alfabetizadas tiveram uma aprendizagem formal do Xirhonga, na sua juventude, antes de ingressarem no ensino oficial em língua Portuguesa. Por outro lado, igualmente apenas algumas raparigas aprenderam a ler e escrever uma língua de origem Bantu, diferente da sua, o Siswati, durante os dez anos em que viveram como refugiadas, na companhia dos pais, na Swazilândia.

Quanto aos homens, a maioria reparte-se pelas variantes dialectais do Xirhonga, nomeadamente: Xizingili e Xinondrwana; enquanto alguns indivíduos deste grupo têm como sua LM o Xichangana, usando a variante dialectal Xihlengwe. De entre este grupo de informantes, apenas uns poucos é que tiveram uma aprendizagem formal do Xirhonga, tendo os restantes aprendido informalmente a respectiva LM no seio familiar.

Em geral, a quase totalidade dos entrevistados usa o Xirhonga no seu quotidiano, nas variantes acima mencionadas, como seu principal meio de comunicação interpessoal e, apenas um reduzido número, é que usa, em algumas ocasiões, a língua Portuguesa.

De referir que algumas das raparigas entrevistadas que usam, normalmente a variante dialectal Xizingili, referem que, quando se encontram na Cidade de Maputo, para onde se deslocam regularmente em visita a familiares ou para comercializar alguns produtos das suas machambas, esforçam-se por usar a variante dialectal Xinondrwana no contacto com outros falantes das LB. Indagadas sobre a razão de tal procedimento, a resposta aponta a adopção deste tipo de atitude como uma forma de se protegerem de serem denominadas de “vandindindi”, como se se tratasse de Varhonga de nível inferior, pelo facto de a sua variante dialectal, o Xizingili, apresentar como traço distintivo, na realização da fala, o som “ndi”, no lugar do som “ndri”, da variante Xinondrwana, para além de outros aspectos fonológicos.

Com efeito, tais aspectos são factores de diferença, entre as duas variantes dialectais do Xirhonga, como se pode ver nesta afirmação, captada numa conversa entre dois indivíduos falantes do Xizingili, em Djabisa, no dia 13.05.98: “... andimativi mabitu ya bana baku lava undibutisaka bone”. Esta mesma frase, na variante Xinondrwana seria realizada da seguinte forma: “andrimativi mavitu ya vana vaku lava undrivutisaka vone”; isto é: (“... não conheço os nomes dos teus filhos sobre os quais me interrogas”).

4.4.6.3-Atitudes e Percepções Linguísticas

a) AS JOVENS:

A respeito da escuta das emissões da EIMG, todas as jovens entrevistadas referem que têm acompanhado tais emissões, quer em Xirhonga quer em Xichangana, apesar de não ser com regularidade, por falta de disponibilidade, em virtude do seu trabalho no campo. Elas referem que gostam de escutar mais a música cantada em Xirhonga ou em Xichangana porque entendem o seu conteúdo, bem como dizem que preferem acompanhar programas, principalmente os que abordam questões relacionadas com a Mulher, emitidos em Xirhonga. Estas jovens referem que não compreendem o facto de se falar Português ou Xichangana no período que se diz ser do Xirhonga, na EIMG e afirmam que, em situação normal, a sua preferência para acompanhar as emissões é o período da tarde porque, geralmente, a família está quase toda em casa.

Sobre a importância das LB no desenvolvimento do País, apesar de manifestarem pouco conhecimento, referem, no entanto, que gostariam de ver estas línguas menos desprezadas por aqueles que falam apenas Português e algumas destas jovens referem que o Xirhonga devia ser ensinado nas escola como acontece com a língua Portuguesa, porque o Xirhonga é a língua que é mais falada na zona e quanto à valorização das LB, a maioria das raparigas declaram que não têm ideias, mas algumas referem que julgam que se devia fazer como na Swazilândia, onde as crianças aprendem na escola, primeiro o Siswati, e só depois, o Inglês.

Em relação aos apresentadores das emissões em LB na EIMG, as jovens entrevistadas referem que não conhecem bem esses indivíduos, não obstante ouvirem, de vez em quando, os seus nomes.

Quanto às variantes dialectais do Xirhonga que conhecem, elas limitam-se a dizer que apenas sabem distinguir as formas “ndi” e “ndri”, que correspondem às variantes dialectais Xizingili e Xinondrwana, respectivamente, e que nos trabalhos em Xirhonga muitas vezes ouvem o uso frequente do “sê”, que corresponde à realização da fala do Xichangana.

b) OS ADULTOS:

Este grupo de entrevistados considera que o trabalho da RM -EP em LB, concretamente, na EIMG, não vai de encontro das suas aspirações e expectativas, porque o Xirhonga não existe efectivamente, mas sim o Xichangana, que, no seu entender, ocupa todo o tempo disponível da programação, mesmo o que está destinado ao Xirhonga. Estes entrevistados referem que gostariam de ver a sua língua ser bem falada, no período em Xirhonga, abordando-se assuntos úteis e não como o que está a acontecer, caracterizado pela abordagem de questões, muitas vezes, banais e, até, despropositadas, como referiu um informante em Ricatla, no dia 19.05.98, apontando aspectos como a divulgação de algumas receitas ou conselhos sobre a conservação utensílios domésticos, cujos nomes os ouvintes, na sua maioria, não conhece nem faz ideia.

Para a maioria destes entrevistados, as situações que se verificam são reveladoras de que, muitas vezes, não se respeitam os padrões culturais “tradicionais” dos Bantu, porque os apresentadores dos programas da EIMG demonstram que não dominam a sua

língua de trabalho e não conhecem com profundidade as suas raízes africanas. Por outro lado, estes entrevistados referem que a RM devia ouvir mais os seus ouvintes, porque estes podem ajudá-la a fazer melhor o seu trabalho, dado que, no seu entender, muitos dos que trabalham nela são jovens e precisam de aprender muitas coisas que são úteis para a realização das suas tarefas, como afirmaram quer em Djabisa, no dia 15.5.98, como em Matalana, no dia 20.05.98.

Os mesmos informantes referem que procuram, sempre que possível, acompanhar as emissões da EIMG, lamentando o tipo de Xirhonga que é aí falado, porque não passa de uma mistura de Português e Xichangana, com rótulo de Xirhonga, opinião confirmada em trabalhos gravados, em que aparecem frases como esta: **“ Saúde materno-infantil I ntirhu lowu landriwaka hi vamamana kusukela ka loko ani kwirhi kuya tlasa loko a phuluka”*. (“Wansati ndangwini” do dia 08.09.97). Como forma de superar tal situação sugerem a admissão de falantes nativos e com conhecimento e domínio do Xirhonga que, pelo seu desempenho, levem os ouvintes a aprenderem e terem gosto de falar a sua língua com correcção, elegância e sem vergonha.

A respeito da variante dialectal do Xirhonga que deve prevalecer na EIMG, a maioria dos entrevistados opina que o Xinondrwana é aquela que reúne as condições para tal, devido ao facto de abranger a maioria dos falantes nativos desta LB e quanto à uniformização do falar o Xirhonga dos profissionais da EIMG com o dos seus ouvintes, a opinião dos entrevistados pode resumir-se a esta afirmação de um dos entrevistados:” Os chefes da Rádio deviam procurar gente que fala bem as nossas línguas; gente que sabe ler e escrever estas línguas e não esses que só estragam e revoltam aquele que escuta, enquanto as nossas línguas não forem ensinadas nas escolas do governo”, de acordo com um informante em Ricatla, no dia 19.05.98, com opinião partilhada por outros no Hlamankulu em 24.05.98.

Sobre a programação da EIMG, a maioria dos entrevistados refere que esta devia criar mais espaço a programas de qualidade dirigidos à Mulher, ao Jovem e de teatro radiofónico, porque tais programas, em seu entender, contribuem para a educação dos ouvintes. É assim que os entrevistados que escutam com regularidade a EIMG, apontam de entre os programas que mais escutam os seguintes: "Ahi hanyi", "Mabulu i kuyakana", "Ndzenga wa vaxumi" produzidos em Xichangana e os programas "Wansati ndangwini", "Matimu ya siku", "Vusiku ni vusiku" e "Matiku ya misava", produzidos em Xirhonga.

Indagados sobre os melhores apresentadores de programas em Xirhonga e Xichangana, na EIMG, muitos entrevistados apontam alguns nomes de profissionais desta estação de radiodifusão, louvando o seu esforço por falar correcta e fluentemente as suas línguas Bantu de trabalho e quanto à atitude que se deve tomar nas emissões, em relação aos ouvintes que não são falantes nativos do Xirhonga, mas vivem nas áreas onde se fala predominantemente esta língua e que são cobertas pela EIMG, todos os entrevistados, incluindo também os falantes nativos do Xichangana, são de opinião de que se deve respeitar a situação dos "donos da terra". Assim, na sua opinião, todos os que vivem na zona em causa devem esforçar-se por aprender a língua falada localmente para a sua integração na comunidade.

Quanto à possibilidade de extinção do Xirhonga por se considerar uma língua falada por uma minoria e sobre os mecanismos a adoptar para a sua preservação, todos os entrevistados manifestam a convicção de que a mesma não vai desaparecer, posição representada pela seguinte afirmação de um dos informantes, corroborada pelos restantes na entrevista colectiva, em Matalana, no dia 20.05.98: "É um grande erro dizer que o Xirhonga é uma língua minoritária, como é também é um grande erro dizer que esta língua está a morrer. Ela não pode morrer, porque existimos nós os falantes. Quem é que diz que os Varhonga estão a acabar são os forasteiros". Estes informantes

argumentam que a forma de preservar o Xirhonga ou qualquer outra língua é os seus falantes nativos não terem vergonha de a utilizar, por um lado e por outro, de utilizarem correctamente.

Na opinião dos entrevistados, os programas em Xirhonga, na EIMG, tentam veicular a variante dialectal Xinondrvana, ainda que se verifiquem alguns momentos de confusão e hesitação, caracterizados pela interferência quer do Xichangana, quer mesmo do Português no Xirhonga, situação que consideram não aceitável, a qual, segundo eles, se verifica com maior frequência em relação a alguns profissionais bem individualizados, nomeadamente em alguns edições do programa “Wansati ndangwini”, nas rubricas informativas “Madrungula” e no “Svitivisu”. A este respeito, referem que alguns dos trabalhos em Xirhonga são um autêntico atentado à língua que se vê maltratada com a presença de sons estranhos e deselegantes na realização da fala. Como forma de ilustrar esta situação, citam frases que afirmam serem frequentes nesses trabalhos como a seguinte: “Hi kukombisa ntamu, pholisa dzikhaneli hi zitu dzikulu ngopfu!”, ao invés de afirmar: “Hi kukombisa ntamu, pholisa drikhaneli hi rhitu drikulu ngopfu!” (Em sinal de autoridade, o polícia falou com voz muito forte). A rejeição deste tipo de fala reside no facto de se verificar a ocorrência do som da fricativa alveolar sonora /z/ no lugar da fricativa alveolar sonora retroflexa /z,/ e a ocorrência do som da africada alveolar sonora /dz/ no lugar da africada alveolar sonora retroflexa /dr/.

Os entrevistados que são ouvintes assíduos da EIMG, bem como aqueles que a escutam não regularmente afirmam que recebem as suas emissões em perfeitas condições de audição, quer de dia quer no período nocturno. Igualmente referem que não conhecem uma outra estação de rádio que transmite em Xirhonga, mesmo os que vivem nos bairros peri-urbanos de Maputo.

4.5-Análise dos Resultados

Os dados quer do inquérito sociolinguístico quer das entrevistas, mesas-redondas, bem como dos trabalhos produzidos pelos profissionais da EIMG confirmam, parcialmente, a hipótese inicial, como o veremos mais adiante. Assim, face a esses resultados, em síntese, podemos salientar os seguintes aspectos:

- i. O conhecimento e domínio da respectiva língua Bantu de trabalho (Xirhonga ou Xichangana) dos profissionais da EIMG desenvolve-se através de um processo autodidático, a partir da LM. Esta situação, aliada à deficiente apropriação da língua Portuguesa, por estes profissionais, torna-se evidente através de inúmeras ocasiões de interferência e hesitações que caracterizam a realização das suas diversas mensagens, prejudicando a comunicação com os ouvintes. Com efeito, entre os profissionais inquiridos, consoante a sua língua Bantu de trabalho seja o Xirhonga ou o Xichangana, adoptam na sua fala, respectivamente, a variante dialectal Xinondrwana ou Xidzonga. Em qualquer um dos casos, todavia, a opção, na prática, é afectada grandemente pela permanente interferência da língua Portuguesa e desta, juntamente com o Xichangana, particularmente nos falantes que trabalham no Xirhonga.

Por seu turno, os entrevistados, maioritariamente falantes nativos do Xirhonga, adoptam como expressão da sua comunicação quotidiana interpessoal as variantes dialectais Xizingili ou Xinondrwana, de acordo com a predominância de cada uma, na respectiva zona onde se encontram. Ainda entre os entrevistados, os que têm o Xirhonga como a

Xirhonga como também sua língua do quotidiano, na versão dialectal local, como mecanismo da sua inserção na comunidade linguística em causa.

- ii. Muitos dos textos organizados em forma de noticiários, boletins informativos, programas e “spots” publicitários, que emergem da tradução a partir de trabalhos escritos inicialmente em língua Portuguesa, denotam profundas lacunas. Estas situam-se na transferência da textura do Português para o Xirhonga ou Xichangana, resultando muitas vezes, numa versão da LA não autêntica e até desfuncional, do ponto de vista desta, como se pode ver nas frases 1,2 e 3 do anexo D. Por outro lado, os textos produzidos directamente em Xirhonga ou Xichangana, cujas funções principais são, essencialmente, de natureza informativa e apelativa, fazem transparecer uma preocupação permanente dos seus autores de fazer uso sistemático dos actos de fala performativos, lexicalmente marcados, cuja realização, no entanto, deixa patentes alguns hiatos da sua competência comunicativa na própria LM, como se vê nas frases 4, 5 e 6 do anexo D.

A apresentação em directo e espontânea, principalmente nos programas interactivos, mas não só, em que o ouvinte está “mais próximo “ (mesmo que seja através da sua correspondência que é lida na ocasião), esse instante representa o momento, por excelência, da actividade dos inquiridos como comunicadores profissionais. No entanto, a pouca habilidade na manipulação dos engenhos formais e lexicais, por parte de alguns destes profissionais, especificamente no Xirhonga, não deixa de vir à superfície, para um observador atento, não obstante a mesma ser atenuada pelo conhecimento que tais profissionais têm do contexto situacional em que decorre a comunicação. Como ilustração dos vários casos que ocorrem, temos a seguinte frase, proferida numa entrevista integrada no espaço informativo da EIMG, denominado “Vutlharhi ni vudrimi” que foi transmitida na tarde do dia 22.03.99: “Tatana Makandra athindrekile akuva atahibzela mavonela yake” (O senhor Makandra afastou-se para nos informar

ilustração dos vários casos que ocorrem, temos a seguinte frase, proferida numa entrevista integrada no espaço informativo da EIMG, denominado “Vutlharhi ni vudrimi” que foi transmitida na tarde do dia 22.03.99: “Tatana Makandra athindrekile akuva atahibzela mavonela yake” (O senhor Makandra afastou-se para nos informar sobre o seu ponto de vista), ao invés de afirmar, mais correctamente: “Tatana Makandra athindrekile akuva atahithlamuxela mavonela yakwe”. (O senhor Makandra aproximou-se para nos esclarecer acerca do seu ponto de vista). É que, as formas verbais “ku-trhindreka” e “ku-trhindrekela” significam, respectivamente, “afastar-se” e “aproximar-se”, bem como “ku-bzela” e “ku-thlamúxela” significam, respectivamente, “dizer” e “esclarecer”.

Perante estas situações, os entrevistados não se revêem, condignamente, no trabalho apresentado pelos profissionais ligados à EIMG, pois o seu desempenho na realização das mensagens radiofónicas, evidencia lacunas na sua competência linguística, que perturbam a compreensão do falante nativo do Xirhonga. Por isso, comparando algumas mensagens produzidas por este grupo de falantes com as que resultam da realização discursiva, na comunicação quotidiana dos ouvintes falantes nativos do Xirhonga, a não adequação daquelas aos usos linguísticos destes é algo inquestionável. Assim, não obstante a qualidade de falante nativo não poder ser tomada como condição necessária e suficiente para que se tenha um conhecimento e domínio profundos da respectiva LM, estes factos, porém, consolidam ainda mais, em alguns dos entrevistados e mesmo nos próprios profissionais inquiridos, a ideia da necessidade de se introduzir o ensino em LB nas escolas, como parte integrante do sistema oficial de educação do País, para que estas línguas sejam faladas e escritas correctamente. Este passo é apresentado como uma via que pode garantir a qualidade e a eficácia da interacção conversacional na radiodifusão em LB na RM-EP.

Tendo em conta os aspectos indicados acima, a situação daí decorrente põe em causa os fundamentos da hipótese inicial, ditando a sua reformulação, com vista à validação da mesma. Assim, em face das provas produzidas, e com base no método indutivo, a hipótese pode ser assim testada:

Se as emissões da EIMG, dirigidas à região de Maputo (Cidade e Província) não são adequadas ao público ouvinte visado, sendo uma das causas o facto de não usarem uma forma dialectal da língua mais aceitável para a maioria dos seus destinatários é porque:

1. Os profissionais usam qualquer variante dialectal do Xirhonga e os ouvintes falantes nativos desta língua aceitam que qualquer das suas variantes pode ser adoptada nas emissões da EIMG.
2. Os profissionais não usam qualquer variante dialectal do Xirhonga e os ouvintes falantes nativos desta língua rejeitam que qualquer das variantes possa ser adoptada nas emissões da EIMG.
3. Os profissionais e os ouvintes falantes nativos do Xirhonga são indiferentes à adopção de qualquer das variantes desta LB nas emissões da EIMG.

A análise dos resultados da pesquisa, confirma o Xirhonga como LB em uso nas emissões dirigidas à referida zona e no geral. Há consenso entre os profissionais da EIMG que operam nesta língua e os ouvintes falantes nativos da mesma, por um lado, de que o Xinondrwana é a variante dialectal que se evidencia como aquela que apresenta elevado nível de frequência de uso nesse período radiofónico, ainda que assinalando algumas lacunas. Todos concordam que tal variante seja adoptada no

trabalho radiofónico. Assim, porque não há espaço para uma atitude de indiferença, quer de uns quer de outros, a posição 3 torna-se inconsistente e insustentável.

Por seu turno, as posições 1 e 2 revelam-se de não acolher, pois, além de se excluírem mutuamente, apresentam cada uma situações que não condizem com os resultados da análise e da realidade constatada no terreno. Com efeito, quer os profissionais, quer os ouvintes falantes nativos do Xirhonga manifestam a sua opção por uma determinada variante dialectal desta LB, o Xinondrwana, tida, consensualmente, como de referência por ambas as partes.

Portanto, a não adequação ao público ouvinte visado das emissões da EIMG, dirigidas à região de Maputo (Cidade e Província), não pode dever-se, como uma das causas, ao facto de não se usar uma forma dialectal da língua mais aceitável para a maioria dos seus destinatários. Esta situação sugere outras causas e não esta, porque a forma dialectal do Xirhonga que é usada, o Xinondrwana, é aceite pela maioria dos ouvintes visados.

Assim, esta não adequação, também não pode dever-se à duração diária do período de transmissão na referida língua, pois, actualmente, os períodos de emissão quer em Xirhonga quer em Xichangana ocupam um total de oito horas diárias para cada língua, ainda que este equilíbrio possa ser afectado pela inclusão de "spots" publicitários, bem como pela transmissão, por vezes, em alguns momentos do período em Xirhonga, de programas recreativos, educativos ou informativos como "Ahi hanyi", "Mabulu i kuyakana" e outros, por sinal produzidos em Xichangana. Mas tal não pode constituir razão de peso da não adequação, pois, segundo a opinião dos ouvintes, expressa através de cartas, os picos de audiência da EIMG registam-se, nos períodos das 05.00 às 09.00 horas; das 12.00 às 14.00 horas e das 16.00 às 21.00 horas, independentemente da língua que estiver a ser transmitida.

Por outro lado, a EIMG apresenta uma estrutura de radiodifusão com uma potência de 50 Kw, transmitindo na frequência de 1008 Khz, que cobre um espaço territorial com um raio de 120 quilômetros, como se pode ver no mapa (Anexo E). Assim, tecnicamente, as suas emissões atingem a zona em referência, pelo que a não adequação das emissões em Xirhonga não pode igualmente situa-se neste último domínio.

Deste modo, pelos dados da investigação, assumimos que a não adequação das emissões da EIMG em Xirhonga apenas pode situa-se ao nível dos usos linguísticos dos profissionais em relação aos dos ouvintes falantes nativos desta língua e destinatários das referidas emissões.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo apresentamos as conclusões do estudo sobre o desenvolvimento linguístico que aponta o Xinondrwana como a variante dialectal de trabalho no período em Xirhonga, na EIMG, bem como aquela que é aceite pelos ouvintes falantes nativos desta LB como a mais representativa. Igualmente apresentamos algumas propostas para uma abordagem mais ampla da problemática da selecção de variantes dialectais nas emissões em LB, no processo de planificação linguística da RM-EP.

5.1- Conclusões

Os dados do inquérito sociolinguístico, as entrevistas e as mesas-redondas, o estudo do conteúdo da produção oral e escrita dos profissionais operando na radiodifusão na EIMG, bem como a observação das atitudes e percepções dos informantes envolvidos nesta pesquisa permitem fixar, de entre muitas, a seguinte conclusão de fundo:

As emissões da EIMG, dirigidas à região de Maputo (Cidade e Província), não são adequadas ao público visado, devido a lacunas na competência comunicativa dos profissionais ao usarem a forma dialectal do Xirhonga mais aceitável para a maioria dos seus destinatários (o Xinondrwana).

Com efeito, os informantes em geral, quer profissionais ligados à radiodifusão na EIMG, quer os restantes, como falantes nativos do Xirhonga estão de acordo que nesse espaço da emissão a variante dialectal em uso é o Xinondrwana, reconhecendo-se, no

entanto, que esta variante nem sempre é realizada de maneira funcionalmente adequada. Os fundamentos desta asserção assentam sobre os seguintes aspectos:

1. A variante dialectal Xinondrwana é de consenso como referência entre os Varhonga, pelo facto de se revelar ser a mais abrangente. Este facto evidencia-se, quer em relação à comunicação corrente da maioria dos sujeitos falantes nativos do Xirhonga, nas manifestações vitais do seu ser como comunidade linguística; quer na realização discursiva espontânea ou em forma de texto escrito por parte dos profissionais ligados à radiodifusão na EIMG.
2. A variante dialectal Xinondrwana impõe-se e prevalece como a mais representativa entre as demais do Xirhonga no trabalho radiofónico da EIMG. Esta situação revela a manifesta predisposição dos comunicadores radiofónicos de, no uso do Xirhonga como sua língua de trabalho, optarem pela variante dialectal Xinondrwana, tendo como fundamento a necessidade que os mesmos sentem de adequar o seu uso linguístico aos reais e actuais destinatários da sua mensagem.
3. A variante dialectal Xinondrwana é adoptada pelos comunicadores radiofónicos operando em Xirhonga na EIMG como estratégia da sua identificação linguística com a maioria dos Varhonga, potenciais destinatários das suas mensagens. Não obstante nem sempre ser esta variante dialectal do domínio profundo dos comunicadores radiofónicos, em termos da sua competência comunicativa, a sua adopção pelos mesmos é indicação implícita de que ela, em princípio, responde, adequadamente, ao desejo e à necessidade de se assegurar e reforçar os vínculos de lealdade e de solidariedade de todos quantos têm o Xirhonga como sua LM e de comunicação vital.

4. A variante dialectal Xinondrwana assume o papel de suporte lexical e fonológico do discurso na comunicação interpessoal de um vasto segmento de sujeitos falantes do Xirhonga. Com efeito, esta variante dialectal é considerada, histórica e socialmente, como sendo o Xirhonga vernáculo, não só entre os comunicadores radiofónicos inquiridos, mas também entre os ouvintes falantes nativos desta LB entrevistados; daí o prestígio de que goza e a sua fixação pela literatura e pelo jornalismo em Moçambique, cujo expoente máximo foi o jornal "O Brado Africano".

5. A variante dialectal Xinondrwana, na medida em que se assume como o Xirhonga vernáculo, é apresentada como um símbolo da afirmação da identidade dos Varhonga. Assim, localizando-se esta variante dialectal, geograficamente, em zonas como Cidade de Maputo, Matrolo, Murhacuene^K, Bowane e parte da Manyisa, em que, o tempo de exposição e o nível de frequência de uso do Xirhonga pela maioria dos seus utilizadores activos, principalmente nos centros urbanos, se reduzem na proporção inversa ao aumento, quer do tempo de exposição quer do nível de frequência de uso de outras línguas, com destaque para o Português, o Xinondrwana é tido como o repositório da identidade e cultura deste grupo etno-linguístico, em geral.

6. A variante dialectal Xinondrwana revela-se como um contributo na estratégia da unificação dos actos ilocutórios do Xirhonga, nas múltiplas facetas da actividade sociolinguística dos seus protagonistas. Assim, esta variante dialectal aparece como um elemento catalizador, no sentido de moldar a consciência e o sentimento dos sujeitos falantes nativos do Xirhonga, como indivíduos e como membros de uma comunidade etnolinguística, abrindo espaços para a aprendizagem e legitimação plena do Xirhonga como LB.

7. A variante dialectal Xinondrwana, ao ser assumida como desempenhando as atribuições funcionais, principalmente na actividade radiofónica ao nível da EIMG, demarca o espaço imprescindível e necessário para o aprofundamento do exercício pleno dos direitos linguísticos de todos os sujeitos falantes nativos do Xirhonga. Esta situação abre as possibilidades de uma certa afinidade entre a língua e a identidade étnica destes falantes e o estabelecimento de um novo tipo nas relações do exercício do poder, em ordem à participação efectiva do grupo no desenvolvimento da sociedade moçambicana.

5.2- Recomendações

O estudo sobre a adequação do uso da variante dialectal Xinondrwana, na realização discursiva dos ouvintes falantes nativos desta LB, abre perspectivas para a fixação de algumas propostas, com vista à identificação de possíveis princípios e aspectos metodológicos a observar, na abordagem desta problemática, não só ao nível da EIMG, mas também no contexto global da RM-EP, em relação às outras LB em uso nesta estação radiofónica do sector público.

A alteração da situação prevalecente, com vista a aprofundar a democratização e desenvolvimento integrado da sociedade moçambicana, passa pela observância dos direitos linguísticos dos falantes das LB no país, em geral e da adequação dos usos linguísticos dos profissionais das emissões radiofónicas aos dos ouvintes, em particular.

Os pontos que se enunciam constituem propostas de trabalho que podem contribuir para a prossecução deste objectivo. Assim:

1. Particularmente, no caso do Xirhonga, recomenda-se a adopção efectiva da variante dialectal Xinondrwana, por parte de todos os profissionais que operam nesta língua,

quer nos trabalhos escritos, quer de produção espontânea na cabine, sem discurar o aspecto sincrónico do desenvolvimento da língua accionando-se os mecanismos necessários internamente no seio da RM para a efectivação deste propósito.

2. No desenvolvimento radiofónico, no quadro da planificação linguística da EIMG, em particular, e da RM-EP, em geral, recomenda-se a observância criteriosa e rigorosa do princípio de identificar, de entre as variantes dialectais da respectiva LB, aquela que é abrangente e representativa para os falantes nativos da língua em causa, variante essa, à partida e seguramente, susceptível de ser adoptada como veicular, porque todos nela se reconhecem.
3. No aprofundamento do conteúdo da planificação linguística da RM-EP, com particular incidência nas LB em uso nesta empresa pública de radiodifusão, recomenda-se a planificação e execução de estudos mais direccionados, baseados no levantamento dialectológico das zonas cobertas pelas emissões dos EP's. O resultado dessa pesquisa deverá constituir o fundamento para a formulação de um programa de formação linguística específica dos profissionais que operam em LB, de modo a corresponderem às expectativas dos seus ouvintes.
4. No quadro da observância do direito do cidadão à informação verídica, objectiva e actual, na sua LM ou língua de preferência, como contribuinte e destinatário do trabalho da radiodifusão do sector público, recomenda-se que a planificação linguística da RM-EP contemple como um dos objectivos do seu trabalho a busca constante de formas e mecanismos práticos que concorrem para a prossecução deste princípio dos direitos humanos.
5. No aprofundamento das liberdades democráticas dos cidadãos, recomenda-se que o Estado, através das suas instituições vocacionadas, accione os mecanismos

adequados e apropriados com vista à inserção efectiva e inequívoca das LB no sistema oficial de educação e o seu uso legítimo nos actos da administração pública, como parte da política geral do País.

6. No processo de desenvolvimento integrado do cidadão nacional e da sociedade, recomenda-se a adopção de mecanismos para a codificação das LB, em termos práticos, observando-se as resoluções dos organismos especializados no tocante à sua representação ortográfica, de modo a consolidar o princípio do respeito pelos cidadãos, nas suas especificidades, em ordem à promoção dos sentimentos patrióticos e da unidade nacional na diversidade multicultural e multilíngue que caracterizam Moçambique.

BIBLIOGRAFIA*

A. LIVROS E FOLHETOS:

- *A Alemanha de hoje*. Bonn: Lexikothek Verlag. 1982.
- APPEL, René and MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. New York: Edward Arnold. 1987
- BAMGBOSE, Ayo. *Mother tongue education: The western African experience*. London: Hodder and Stroughton and Paris: The Unesco Press. 1976.
- BAMGBOSE, Ayo. *Language and nation: The language planning in Sub-Saharan Africa*. Edinburg: Edinburg University Press. 1991.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Le langage*. Paris: Payot. 1970.
- CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem: Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. 3ª ed. Tomo I, Coimbra: Atlântida Editora. 1973.
- CHAMBERS, J.K. and TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.
- CHRISTIAN, Donna. Language planning: The view of linguistics, in NEWMAYER, Frederick J. (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey*. Vol.IV. Language: The sócio-cultural context. Cambridge: Cambridge University Press. 1988. p. 193-209.

* No registo da Bibliografia optamos pela observância das normas segundo Amaral, Wanda do, compil. *Guia para Apresentação de Teses, Dissertações, Trabalhos de Graduação*. Maputo: Imprensa da UEM. 1995. 87 p.

- *Constituição da República de Moçambique*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique. 1990.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of language*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 8ªed. Lisboa: Edições Joao Sá da Costa. 1991.
- EASTMAN, Carol M. *Language planning: An introduction*. San Francisco: Chandler and Sharp Publishers. 1983.
- FARIA, Isabel H. e Outros. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminha. 1966.
- FASOLD, Ralph. *The sociolinguistics of society*. Oxford: Blackwell. 1984.
- FIRMINO, Gregório D. *O caso do Português e das Línguas Locais em Moçambique*. Valencia: Centro de Estudos sobre Comunicacion Interlinguística e Intercultural. 1997.
- FISHMAN, Joshua A. *et al. Bilingualism in Barrio*. New York. 1968
- GARMADI, Juliette. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1983.
- GRAWITZ, Madeleine. *Méthodes de sciences sociales*. 8 ed. Paris: Dalloz. 1990.
- GUTHRIE, Malcolin. *Comparative Bantu: An introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages*. Vol. 2. Gregg Press. 1967/71.
- HAMERS, Josiane F. and BLANC, Michael H.A. *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press. 1989.
- HUDSON, Richard A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.

- JUNOD, Henri A. *Bukhaneli bya Sironga: Gramática da língua Ronga*. Lausanne: Georges Bridel et Companhie. 1903.
- LAVOINNE, Yves. *A Rádio*. Lisboa: Vega. Sd.
- LIMA, Marinús P. de. *Inquérito sociológico*. 4ª ed. Lisboa: Editorial Presença. 1995.
- LOPES, Armando J. Language policy Mozambique: A Taboo? In R. Herbert (GD). *African linguistics at the crossroads*. Koln: Rudiger Koppe Verlag. P.485-500. 1997.
- LOPES, Armando J. *Política Linguística: Princípios e problemas*. Maputo: Livraria Universitária, UEM. 1997.
- NELIMO. *Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: INDE/UEM. 1989.
- NELIMO. *Levantamento dialectológico Nacional no âmbito do Projecto 001*. 1990-1992.
- NOGUEIRA, R. S. *Dicionário Ronga-Português*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais. 1960.
- ODLIN, Terence. *Language transfer: Cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press. 1989.
- *Os Distritos em números*. Conselho Coordenador do Recenseamento. Maputo. 1983.
- PRAH, Kwesi K. *Mother tongue for scientific and technological development in Africa*. Bonn: DSE. 1993.
- QUINTAO, José L. *Gramática de Xironga (Landim)*. Lisboa: Agência Geral das Colónias. 1951.
- RADIO MOÇAMBIQUE. *Decreto-Lei nº 16/75*. Principal legislação. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique. 1976.

- ROCHA, Ilídio. *Catálogo dos periódicos e principais seriados de Moçambique*. Lisboa: Edições 70. 1985.
- SITOIE, Bento. *Cadernos Tsonga 1 e 2*. Maputo. 1984.
- SITOIE, Bento. *Dicionário Changana-Português*. Maputo: INDE. 1996.
- South African Broadcasting Corporatin (SABC). *Language policy of The SABC*. Johannesburg: SABC Group Publication. 1995.
- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: An introduction to language and society*. Penguin Books. England. 1983.
- WARDHAUGH, Ronald. *An introduction to sociolinguistics*. 2 ed. Oxford: Blackwell. 1992.
- WOLF, Mauro. *Teorias de Comunicação*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença. 1994.

B. TESES:

- BARBOSA, Ernesto C. N. Santos. *A radiodifusão em Moçambique: o caso do Rádio Clube de Moçambique, 1932-1974*. 1997, Maputo, 78 p. Tese, Licenciatura. Departamento de História, Faculdade de Letras, UEM, 1997.
- FIRMINO, Gregório D. *Revisiting the "language question" in post-colonial Africa: The case of portuguese and indegenous languages in Mozambique*. 1995. Tese, Ph.D., University of California, 1995.
- SIMANGO, Aurélio Z. *A problemática do meio de ensino no EPI do SNE (Que língua de ensino: Português ou uma língua Bantu?)*. 1994. Tese, Licenciatura, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Letras, UEM, 1994.

C. PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS:

- *British Broadcasting Corporation (BBC): Annual report and handbook.* London, 1982.
- *MAHLAHLE.* Novembro, 1969, nº 5, *Jornal da Igreja de Cristo em Moçambique.* Cleverland, Transvaal: The Central Mission Press.
- *Rádio Moçambique. (RM):* Desde 1952, nº 246 até Setembro de 1972, nº427.

D. COMUNICAÇÕES E RELATÓRIOS:

- FIRMINO, Gregório D. *O uso das línguas Moçambicanas na Rádio Moçambique: (Algumas considerações sobre a questão da selecção das línguas para as emissões radiofónicas).* Comunicação ao III Seminário de Radiodifusão em Línguas Moçambicanas, Maputo. 1996.
- *Relatórios da Direcção da Rádio Moçambique aos I, II e III Seminários de Radiodifusão em Línguas Moçambicanas.* Maputo. 1988, 1991 e 1996.
- *Relatórios de contas da Direcção do RCM.* 1966 e 1967.
- *Relatório sobre os Emissores Provinciais da RM.* 1977.
- SITO, B., LANGA, J.M. e SIMANGO, A. Z. *As Línguas Moçambicanas na Rádio Moçambique.* Relatório Final do Grupo de Consultoria Técnica no âmbito das Línguas Moçambicanas. Maputo: Faculdade de Letras, UEM. 1995.

E. ACTAS E CORRESPONDÊNCIA:

- Actas das reuniões do Conselho Consultivo da Rádio Moçambique. 1975.
- Acta da reunião dos trabalhadores da EIMG, 08.11.1996.
- Carta do Chefe da EIMG ao Director de Programas da RM-EP, em 24.04.1997.
- Ordem de Serviço nº / 79, de 09.09.1979 que cria a EIMG.

ANEXOS

ANEXO A

INQUÉRITO SÓCIOLINGUÍSTICO
(DESTINADO AOS PROFISSIONAIS DA RÁDIO)

1. Naturalidade: _____
2. Idade _____
3. Sexo: _____
4. Escolaridade: _____
5. Ocupação profissional: _____
6. Onde viveu antes: _____
7. Ano de ingresso na Rádio: _____
8. Ocupação anterior: _____
9. Língua materna: _____
10. Onde aprendeu: _____ Em casa: _____ Na rua: _____
11. Como aprendeu: _____
12. Línguas de trabalho: _____ Onde aprendeu: _____
13. Outras Línguas Bantu que compreende: _____

14. Onde aprendeu a ler e escrever a(s) línguas(s) Bantu: _____

Em casa? _____ Na Escola? _____ No serviço? _____
15. Como aprendeu a ler e escrever a(s) línguas(s) Bantu? _____

16. que língua usa no seu quotidiano: _____

Com os colegas: _____ Com os seus pais? _____
Com os seus familiares? _____ Com os seus amigos? _____

17. O que é que as pessoas pensam da sua língua materna? _____

O que acha dessas percepções? _____

Porque é pensam assim? _____

18. Quais são as dificuldades que enfrenta na sua língua de trabalho? _____

Como tem superado essas dificuldades? _____

Acha que essa modalidade é eficaz? _____

Porque? _____

19. Que tipo de actividade faz no seu dia de trabalho? _____

Que dificuldade enfrenta na elaboração do seu trabalho? _____

Em que tipo de trabalho se sente mais à vontade na execução? _____

Porque? _____

20. Na sua actividade lida com conceitos novos nos vários domínios. Como é que os trata no seu trabalho? _____

21. Porquê procede dessa forma? _____

22. Para que os trabalhos que escreve possam ser lidos e compreendidos pelos seus colegas que estratégia adopta? _____

Essa estratégia tem se revelado eficaz? _____

Porquê _____

23. A sua língua materna apresenta algumas variantes dialectais. Quais são as que conhece? _____

Qual é a variante dialectal que usa no seu trabalho? _____

Porquê? _____

O que é que acham os seus colegas de trabalho sobre o seu uso dessa variante dialectal? _____

Como é que os ouvintes reagem em relação às variantes dialectais em uso na Emissão? _____

Porquê? _____

Como é que acha que as dificuldades em relação ao uso das variantes dialectais na Emissão devem ser superadas? _____

Porquê? _____

24. Qual é deve ser a formação dos profissionais que operam em línguas locais?

Porquê? _____

25. Como é que deve ser feito o recrutamento de futuros profissionais a trabalhar em línguas locais? _____

Porquê? _____

26. Como é que deve ser feita a integração dos novos profissionais no trabalho em línguas locais? _____

Porquê? _____

27. Como é que deve ser feito o acompanhamento do processo de trabalho dos profissionais operando em línguas locais? _____

Que entidade(s) no seio da Rádio deve(m) realizar esta tarefa? _____

Porquê? _____

28. Qual é a sua opinião sobre a Programação da Emissão? _____

Que tipo de programas a manter? _____

Porquê? _____

Que tipo de programas a introduzir? _____

Porquê? _____

29. Qual é a sua opinião sobre a distribuição dos períodos de transmissão de cada língua na Emissão? _____

Porquê? _____

Qual é a duração que cada tipo de programa deve ter? _____

Porquê? _____

Em que variante dialectal devem ser transmitidos? _____

Porquê? _____

ANEXO B

ENTREVISTA A PERSONALIDADES (INDIVIDUALIZADAS) OU MESAS-REDONDAS A GRUPOS HETEROGÊNEOS

ADULTOS

Local: _____

Interveniente(s): _____ Mulheres: _____ Homens: _____

Idades: _____

Ocupações: _____

Língua(s) materna(s): _____

Aprendizagem da língua materna:

Formal: _____; não formal _____

1. Como é do seu (vosso) conhecimento, a Rádio Moçambique transmite em várias línguas locais em todo o país, para além do Português e do Inglês.
 - O que pensa(m) desse trabalho: vai ao encontro da sua (vossa) expectativa e necessidades como ouvinte(s) e falante(s) dessas línguas locais? Porquê?
 - O que pretende(m) encontrar nas emissões nessas línguas locais?
 - O que fazer para que essas emissões cumpram um papel social útil aos seus destinatários?
2. Os locutores, redactores e produtores que operam em línguas locais, manipulam essas línguas no conteúdo e na forma para veicular as suas mensagens.

- Os trabalhos apresentados respondem a esses requisitos? Porque? Respeitam os padrões culturais? Porquê? Quais os erros ou lacunas mais frequentes? Com superá-los na sua (vossa) opinião?
3. A sua (vossa) língua materna apresenta variantes dialectais. Certamente fala(m) algumas dessas variantes.
- Que variantes dialectais identifica(m) nos trabalhos transmitidos na emissão?
 - Essa(s) variantes(s) é (são) representativa(s)? Porque?
 - Qual é a que deve ser usada nas emissões? Porquê?
 - Que mecanismos é que acha(m) que devem ser accionados para que haja uma uniformidade entre o falar dos profissionais da Rádio nas emissões e o dos ouvintes? Por onde partir? Que entidades envolver?
 - Que outras acções a realizar, extra-rádio, para complementar o processo de desenvolvimento, preservação e valorização das línguas locais?
4. Que programas mais escuta(m)? porquê? Quais os períodos da sua radiodifusão e a sua duração é que são os mais adequados? Porquê?
- Em que período é que devem ser transmitidas as emissões em Xirhonga? Porque?
 - Qual (quais) o(s) locutor(es) que mais gosta de escutar em Xirhonga? Porquê?
 - Em relação aos que não falam Xirhonga e que vivem na área coberta pelas emissões nesta língua como proceder?

- O Xirhonga é uma língua minoritária. Será que está em extinção? Porquê?
Como preservar esta língua?

 - Os programas em Xirhonga que variante dialectal veiculam? Essa variante será representativa? Porquê?
5. Em que condições de audição chegam as emissões da RM em Xirhonga?
- Em que período é que escuta melhor?

 - Que outras emissoras em Xirhonga são captadas na zona? E de outras línguas próximas ao Xirhonga?

ANEXO C

MESAS-REDONDAS A GRUPOS HETEROGÊNEOS DE JOVENS

Local: _____

Interveniente(s): _____ Raparigas: _____ Rapazes: _____

Idades: _____

Ocupações: _____

Nível de escolaridade: _____

Língua(s) materna(s): _____

Línguas Bantu que falam: _____

- Onde aprenderam:

- Em casa: _____ na rua: _____ na escola: _____

- Em língua falam normalmente:

- Com os pais : _____; com os colegas: _____

- Com os amigos _____, com os familiares: _____

1. A Rádio Moçambique, além de transmitir em Português e Inglês, emite também em várias línguas locais Bantu em todo o país.

- Costumam escutar alguma (s) dessas emissões? Qual (quais)? Porque?

- O que gostam nessas emissões? Porquê?

- O que é que não gostam nelas? Porquê?

- Em que período escutam mais? Porquê?

- Acham importante haver emissões em línguas locais? Porquê?

- As vossas línguas maternas têm algum papel no desenvolvimento do país?
Porquê?

2. A língua é um veículo de comunicação entre os homens, o depositário dos valores culturais dos povos.

- Achar que a nossa sociedade valoriza devidamente as línguas locais? Porquê?
- O que é que deve ser feito para se preservar, valorizar e desenvolver as línguas locais?
- Que acções é que conhecem que procuram valorizar este património? Que são os seus promotores? Como é feita, em termos práticos, essa promoção das línguas locais?
- Nas emissões em línguas locais veiculadas para RM, quais são os melhores apresentadores (locutores)? Porquê?

3. As emissões em línguas locais RM apresentam vários tipos de programa.

- Que programas gostam mais de escutar? Porquê?
- O período em que são transmitidos é o mais adequados? Porquê?
- Tais programas contribuem para o vosso crescimento cultural, científico e moral? Porquê?

4. As línguas locais apresentam variantes dialectais

- Conseguem distinguir as variantes dialectais do Xirhonga?
- Onde é que são faladas essas variantes dialectais?
- No trabalho dos profissionais da RM (locutores) da mesma língua Xirhonga consegue distinguir as variantes dialectais? Como?
- Qual das variantes dialectais do Xirhonga é que deve ser usada sempre nas emissões? Porquê?

ANEXO D

A) Frases decalcadas a partir de trabalhos elaborados inicialmente em língua Portuguesa para Xirhonga:

1. * "Tikulu tinhava, tinalavuka kusukela mpeladambu kuya tlhasa vuxeni, titremakanya tiko ledri". (Extraída do programa "Matiko ya misava" do dia 11.05.97).

"Grandes montanhas, estendendo-se do poente até ao nascente, atravessam este país".
(Do programa "Viajando pelo Mundo" da Antena Nacional).

"Tiko ledri dritremakanyiwa hi tinhava tikulu, leti tisukelaka mpeladambu kuyatlhasa vuxeni". (Proposta de tradução idiomática).

2. * "Timpfula tihahluli minyingi miti tikweni dra Vulcanjane, a Nyembana". (Extraída do "Madrungula" do dia 21.03.99).

"As chuvas destruíram muitas habitações na região de Vulcanjane, em Inhambane".
(Do Noticiário da Antena Nacional, do dia 21.03.99).

"Miti minyingi mihohloliwile hi timpfula tikweni dra Vulcanjane, xifundrankulu xa Nyembana". (Proposta de tradução idiomática).

3. * "Mintamu ya mapholisa mihahluli tolo kaMaxava mun'we ntlawa wa vamatlulana, lowu afaka ubzala kukalarhula mbangwini lowuya". (Extraída do "Madrungula" do dia 28.03.99).

"As forças policiais desmantelaram, ontem, na Maxava, uma quadrilha de assaltantes que semeava a intranquilidade naquela zona". (Do Noticiário da Antena Nacional, do dia 28.03.99).

"Ntlawa wa vasilavoya, lowu afaka wuhangalasa tihanyi ni matrhamela ya kutrekatreka ka mbangu wa kaMaxava, tolo uhohlotiwile hi mintamu ya kulwela kurhula tikweni". (Proposta de tradução idiomática).

B) Frases performativas, lexicalmente marcadas, produzidas em Xirhonga:

4. * "Wakombeliwa, tatana David Nkumbula, muhanyi wa le kaMaxakeni, mundruku, sonto mutini wa tatana Pedro Nyaka, xaka draku ahanyaka kaMatrolo, kuyakombisana ta vuxaka". Extraída da gravação dos anúncios, "Xitiviso", do dia 20.03.99).

"Solicita-se ao senhor David Nkumbula, residente na Maxakeni, que se desloque, amanhã, Domingo, à casa do senhor Pedro Nyaka, seu familiar que vive na Matola, para tratarem de assuntos do vosso interesse". (Possível redacção do aviso, em Português).

"Tatana David Nkumbula wa le kaMaxakeni, wakombeliwa, ka sonto ya mundruku, kuya mutini wa xaka draku, kaMatrolo, yene tatana Pedro Nyaka, kuva miyakombisana ta vuxaka". (Proposta de redacção a adoptar).

5. * "Xin'wanana lexi hixiyimelaka sva juleka kuva xini vutomi bzinene". Extraída do Programa "Wansati ndanguini", do dia 08.09.97).

É importante que a criança que está para nascer seja saudável". (Possível redacção em Português).

"Kujuleka lesvaku ntsongwana lweyi hitakamuyamukela avani vutomi bzinene". (Proposta da redacção e adoptar).

6. * "Svileleto lesvi mitasvilandra hi laha svifanelaka ha kone, ndradumba, vanakulorhi vayingiseti". (Extraída do Programa "Wansati ndangwini", do dia 08.09.97).

Estimadas ouvintes, creio que vão assumir, devidamente, estes conselhos". (Possível redacção em Português).

"Vanakulorhi vayingiseti, ndradumba lesvaku svileleto lesvi mitasvilandra hi laha svifanelaka ha kone". (Proposta de redacção a adoptar).

ANEXO E

cobertura radiofónica diurna
em onda média

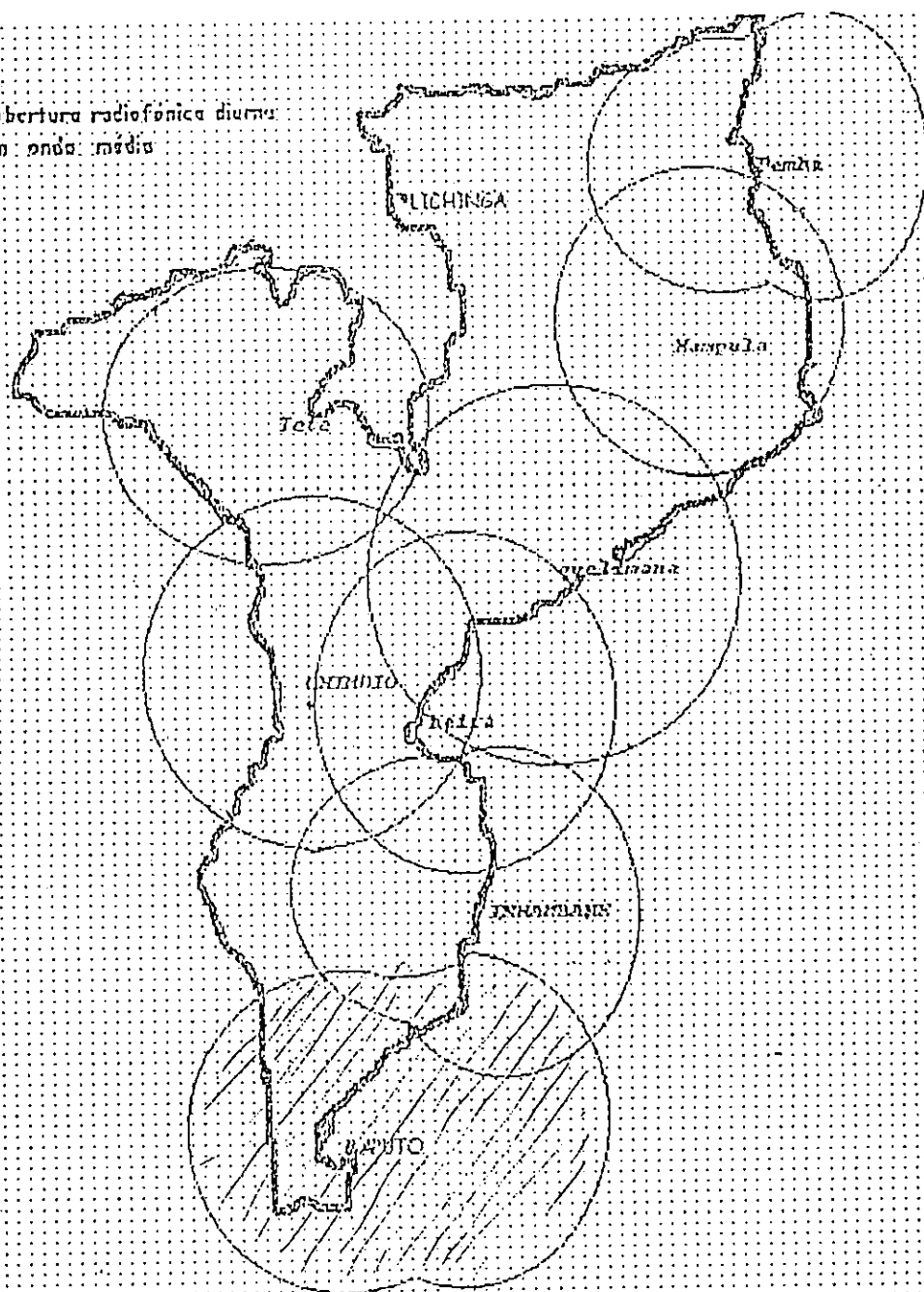
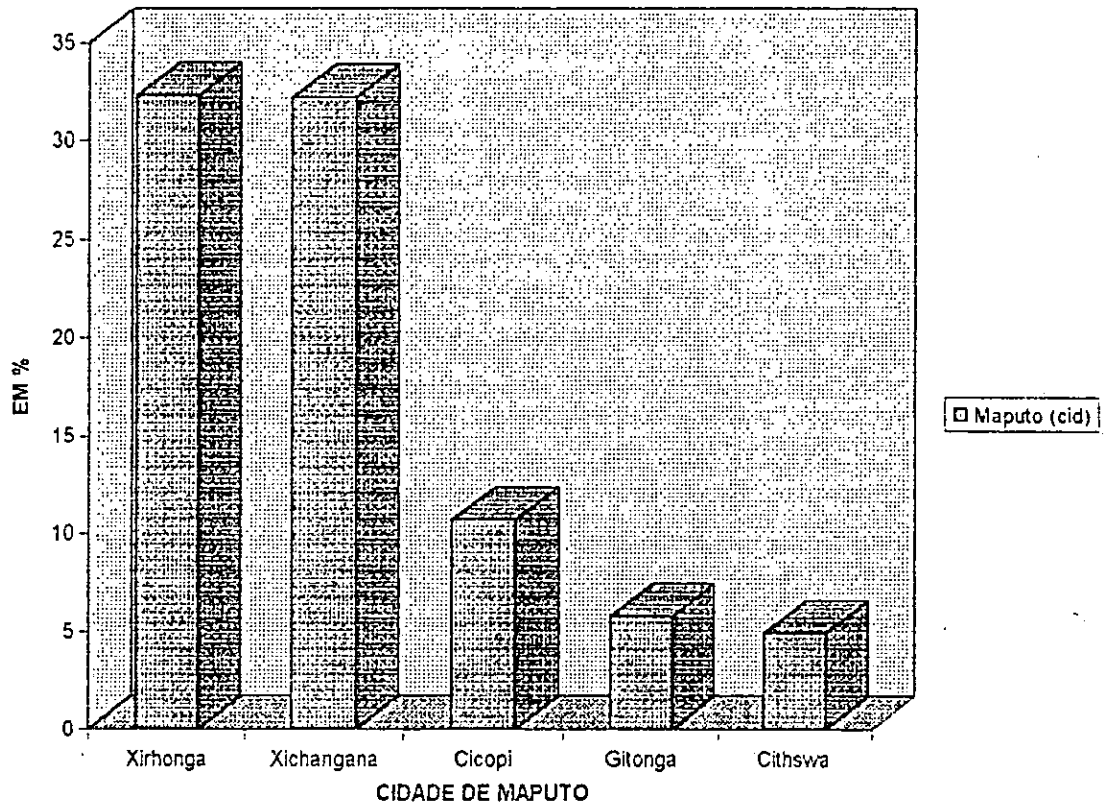
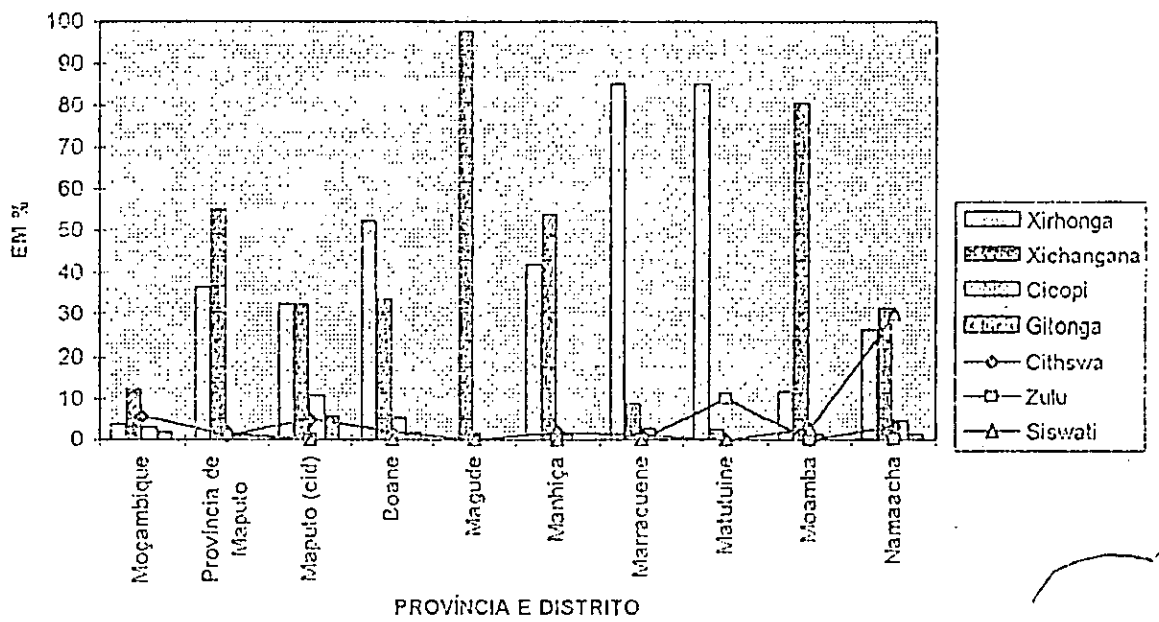


GRAFICO 1



FIRMINO (1996:24)

GRAFICO 2



1. PROVÍNCIA DE MAPUTO
2. BOANE
3. MAGUDE
4. MANHIÇA

5. MARRACUENE
6. MATUTUINE
7. MOAMBA
8. NAMAACHA

FIRMINO(1996:23)